

TATIANA DANTAS MARCHETTE

**CORVOS NOS GALHOS DAS ACÁCIAS: anticlericalismo e clericalização em Curitiba; 1896-1912.**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História Social no curso de pós-graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi.

CURITIBA  
1996

134-Ata da sessão pública da arguição da Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História. Aos cinco dias do mês de julho de 1996, às 14:00 horas na sala 608, Edifício Dom Pedro I, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da arguição da Dissertação intitulada "Corvo nos galhos das acácias: anticlericalismo e clericalização em CTBA; 1896-1912". A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, foi constituída pelo seguintes professores: Euclides Marchi (orientador), Etelvina Trindade e Ivam A. Manoel. A sessão teve início com a exposição oral da Mestranda sobre o estudo desenvolvido, tendo o Professor Euclides Marchi, na presidência dos trabalhos, concedido a palavra, em seguida, a cada um dos Examinadores, para realização de suas respectivas arguições. A seguir, a Mestranda apresentou sua defesa. Na seqüência, o Professor Euclides Marchi retomou a palavra para as considerações finais. Em seguida, reunida sigilosamente, a Banca Examinadora decidiu-se pela aprovação da candidata, atribuindo-lhe o conceito final "A". Em seguida o Professor Presidente declarou aprovado, a Mestranda Tatiana Dantas Marchette que recebeu o título de Mestre em História. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual eu, Ivone Polo Portela, secretária, lavrei a presente Ata que será assinada por mim e pela Comissão Examinadora. Curitiba, 05 de julho de 1996.

Ivone Polo (Secretária)

Prof. Euclides Marchi (Presidente)

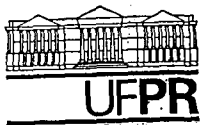
Prof. Ivan A. Manoel

Profa. Etelvina Trindade

*Ivone Polo*

*f. f. b. e*

*Etelvina Trindade*



PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pela candidata Tatiana Dantas Marchette, sob o título "Corvos nos galhos das acácias: anticlericalismo e clericalização em Curitiba; 1896-1912", para obtenção do grau de Mestre em História, após haver realizado a atribuição de notas são Parecer pela aprovação com conceito "A", sendo-lhe conferidos os 76 créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau e o diploma de Mestre. Curitiba, 05 de julho de 1996.

Prof. Ivan A. Monoel  
1º Examinador

Profa. Etelvina Trindade  
2º Examinador

Prof. Euclides Marchi  
Presidente



## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação ora apresentada não é um trabalho de uma só pessoa. Instituições, de ensino e de pesquisa, professores e amigos foram parceiros constantes e imprescindíveis.

Agradeço, primeiramente, à Coordenação de Pós-Graduação em História da UFPR, pois seu corpo de professores foi responsável pelo aprendizado cujos frutos encontram-se seguramente nas reflexões desta dissertação. Ao professor Euclides Marchi por ter aceito a orientação desta pesquisa e por seu estilo de trabalho conduzido sempre com entusiasmo e acompanhamento estreito e atento para com os rumos desta dissertação.

O trabalho com as fontes, no Círculo de Estudos Bandeirantes, teve seu prazer aumentado com o chá diariamente a mim servido carinhosamente pela Dona Iolanda pontualmente às 15:00 horas. Agradeço também o presidente do CEB, Professor Sebastião Ferrarini, por seu profissionalismo em atender aos pesquisadores. Aos funcionários do setor de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná que tornaram possível a consulta, somente frustrada devido às falhas dos equipamentos precários, aos microfilmes das revistas e jornais por mim pesquisados.

Agradeço o paciente e importante acompanhamento, ao longo desta jornada, da antes amiga do que professora,

Cacilda da Silva Machado. Mesmo vivenciando o processo da maternidade não abandonou o carinho com o qual prestou-me ajudas fundamentais. A ela e à professora Etelvina de Castro Trindade devo a leitura da versão anterior, a qual resultou na versão final ora apresentada.

A presença dos amigos (quase todos historiadores!) foi tão importante quanto o aprendizado que tive na UFPR durante a graduação e a pós-graduação. A eles, José Augusto Leandro, Roberto Lamb, Maria Luiza Andreazza, Décio R. Szvarça e Sandro Coneglian, devo muito, principalmente estímulo para seguir adiante, conselhos e gratidão.

Ao meu marido, Walfrido Soares de Oliveria Júnior, também historiador, porém muito mais que isso o verdadeiro companheiro nos momentos marcados pelas incertezas dos rumos a tomar. A ele e aos meus pais dedico este trabalho.

## SUMARIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO  | 1  |
| 1. EUCLIDES BANDEIRA: UM SAPO LETRADO E SEU UNIVERSO CULTURAL | 14 |
| 1.1 FACETAS DE UM HOMEM MODERNO                               | 14 |
| 1.1.1 EUCLIDES BANDEIRA: JORNALISTA E POETA                   | 14 |
| 1.1.2 TAL LITERATURA, QUAL NAÇÃO                              | 24 |
| 1.1.3 O PODEROSO CANHÃO DA PALAVRA ESCRITA                    | 27 |
| 1.1.4 A REPÚBLICA DE EUCLIDES BANDEIRA                        | 32 |
| 1.1.5 LUZ VERSUS TREVA: REATUALIZAÇÃO DE UMA BATALHA          | 40 |
| 2. MOVIMENTO ANTICLERICAL: EM BUSCA DA AUTONOMIA INTELECTUAL  | 44 |
| 2.1 LIVRE-PENSAMENTO  | 44 |
| 2.2 AÇOUGUES DA CONSCIÊNCIA I: COLÉGIOS CATÓLICOS             | 63 |
| 2.2.1 EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DO FUTURO DA NAÇÃO  | 63 |

|  |     |
|--|-----|
| 2.2.2 CIÊNCIA E RELIGIÃO   | 67  |
| 2.2.3 MÉTODOS DE ENSINO: O EXERCÍCIO DA DÚVIDA                         | 73  |
| 2.3 AÇOUGUES DA CONSCIÊNCIA II: O CONFESSIONÁRIO                       | 78  |
| 2.3.1 A DEVASSA DO BURACO DA FECHADURA                                 | 78  |
| 2.3.2 MULHER REPUBLICANA: A ALMA DA NAÇÃO                              | 82  |
| <br>   |     |
| 3. DO RISO DE VOLTAIRE AO RISO DE EUCLIDES BANDEIRA:                   |     |
| AS TRANSFORMAÇÕES DO ANTICLERICALISMO LITERÁRIO                        | 87  |
| 3.1 ANARQUISMO: ALIADO DO ESPÍRITO ILUMINISTA                          | 88  |
| 3.2 QUE FIM LEVOU O ANTICLERICALISMO LITERÁRIO DE<br>EUCLIDES BANDEIRA | 97  |
| 3.2.1 CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ                                       | 97  |
| <br>   |     |
| REFLEXÕES FINAIS   | 108 |
| <br>   |     |
| ANEXOS   | 110 |
| <br>   |     |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS   | 121 |

## INTRODUÇÃO

O tema do movimento anticlerical em Curitiba foi objeto, até o momento, de uma única pesquisa acadêmica de autoria de Carlos Alberto de Freitas Balhana, publicada em 1981.<sup>1</sup>

Baseado no texto *Economia das trocas simbólicas* de autoria de Pierre Bourdieu<sup>2</sup>, Balhana examina o confronto entre dois "campos religiosos", - livre-pensamento e clericalismo - em seus "contornos, linhas de ação, motivações e pensamentos doutrinários", entre 1890-1940. A palavra-chave confronto permitiu ao autor conduzir o tema de forma a configurar um campo de batalha onde estabeleceu-se um grupo vencedor e outro vencido, respectivamente o clero e a proposta livre-pensadora anticlerical. Apresentando o confronto a partir dos debates veiculados pela imprensa curitibana, principalmente travados entre o anticlerical Dario Vellozo e o padre Desidério Deschand, foi a linearidade dos fatos conjunturais, porém, que, na interpretação do autor, realmente decidiu a luta. Diante da inexorável força dos fatos Balhana deixou de lado toda a construção mental feita no fervor dessa batalha, momento no qual seus participantes não tinham previsão do que seria o final e estavam apenas buscando utilizar todo seu

<sup>1</sup> BALHANA, Carlos A. de Freitas. *Idéias em confronto*. Curitiba : Grafipar, 1981. (Coleção Estudos Paranaenses).

<sup>2</sup> BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 1974.



arsenal disponível.

Tratada como campo religioso, justamente em confronto com a Igreja Católica para ocupar o espaço "(..) *do exercício legítimo do poder religioso e gestão dos bens de salvação(...)*"<sup>3</sup> a proposta anticlerical, baseada em um liberalismo religioso-filosófico, tornou-se uma utopia, pois não se fez forte o suficiente para formar um comportamento social incorporado por grupos representativos da sociedade curitibana da época. Dario Vellozo, assim, restou como um profeta derrotado, um visionário esmagado pelos fatos concretos, aqueles que contam o fortalecimento da Igreja Católica em nível nacional.

Portanto, a análise do movimento anticlerical curitibano feita por Balhana recuperou-o somente para perdê-lo novamente...

Desde a presença do texto de Edgar de Decca na historiografia brasileira da década passada, colocou-se a opção em pensar a história feita de possibilidades frustradas.<sup>4</sup> Essa forma de produção historiográfica vincular-se-ia à interpretação dos desejos não realizados, mas possíveis de se concretizarem no futuro, não determinando vencedores e derrotados para sempre nas páginas da história.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> BALHANA, p.83.

<sup>4</sup> DECCA, Edgar Salvadori de. *O silêncio dos vencidos*. 4.ed. São Paulo : Brasiliense, 1986.

<sup>5</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão : tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo : Brasiliense, 1985. p.19-24.

Depois da influência e contribuições da antropologia, da economia, da sociologia e da psicologia atualmente a busca de novas formas de abordagem do passado tem levado alguns historiadores para a experiência da interdisciplinaridade entre estudos literários (crítica literária e mesmo teoria literária) e produção historiográfica. Essa interdisciplinaridade não se restringe ao uso de fontes literárias para a pesquisa histórica, mas este uso permite, justamente, uma interpretação da história dos desejos vencidos e frustrados, pois a literatura "(...) é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos(...)".<sup>6</sup>

A positividade maior dessa interdisciplinaridade entre estudo literário e pesquisa historiográfica é a crítica ao reducionismo. Segundo a teoria francesa da crítica literária<sup>7</sup>, o texto não é somente um resultado estético do contexto, pois este também tem base textual, havendo uma complexa semelhança entre eles.

A história tradicional, portanto, estabelece uma leitura reducionista que explica o texto literário sempre a partir do contexto, ou toma cada um como tendo uma realidade própria isolada. Estas limitações são superadas ao se fazer,

---

<sup>6</sup> SEVCENKO, p.21.

<sup>7</sup> Essa teoria, exposta no texto de Lloyd Kramer, baseia-se no pensamento de Dominick LaCapra e Hayden White, ambos pesquisadores, desde a década de 1960, da chamada "história intelectual", a qual objetiva ampliar as definições tradicionais de se fazer história. Para eles, o desafio lançado aos historiadores contemporâneos seria o de abrir o paradigma historiográfico do século XIX para as novas inspirações desse século em literatura, arte, teoria crítica e ciência. KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.132.

na construção historiográfica, a crítica do efeito disciplinador dessa perspectiva unidimensional, incorporando-se o imaginário de forma não desvinculada da realidade social e não determinada a partir desta.

O presente estudo entende que os textos literários dos escritores que fizeram emergir o movimento anticlerical em Curitiba são fontes primordiais e a própria realidade para análise desse objeto de pesquisa. Toma-se, para tanto, como categoria dessa pesquisa a palavra *tensão*. Os textos literários anticlericais aqui analisados nos remetem às tensões de uma determinada época rica em projetos transformadores como foi a Primeira República, dentre eles, o anticlericalismo na cidade de Curitiba. Essa tensão entre projetos opostos, no caso anticlericalismo\clericalização, faz com que se sobreponham sem, no entanto, confundirem-se. Assim, existe uma complementaridade de sobrevivência, pois um discurso não existe de forma solitária e pura, mas depende da existência de outro, ou melhor, da relação com o outro. Esta forma de comunicação desencadeada através da diferença denomina-se *dialogismo*.

Termo original do crítico russo *Mikhail Bakhtin*, o dialogismo tem como sinônimos os termos poliglossia, heteroglossia e polifonia. Bakhtin parte do princípio que todo discurso humano é dialógico, mesmo um monólogo de um eremita, pois existe uma relação necessária entre um enunciado e outro, formando uma circularidade e tornando a palavra patrimônio

comum.<sup>8</sup> "A abordagem dialógica da história permitiria, portanto, a discussão entre categorias opostas em muitos e diferentes níveis: o diálogo entre idéias opostas dentro de textos específicos, o diálogo entre historiadores e o passado, ou o diálogo entre textos e contextos."<sup>9</sup>

\*

O título da presente dissertação - "Corvos nos galhos das acácias; anticlericalismo e clericalização em Curitiba (1896-1912)" - foi inspirado na linguagem anticlerical onde "corvos" representavam a imagem dos padres vestidos de negro, cujas abas dos chapéus pareciam duas grandes asas encobrindo o mapa do Brasil ; as "acácias" eram as árvores-símbolo da liberdade de pensamento.

O anticlericalismo do século XVIII visava combater o obscurantismo representado pelos dogmas católicos, entendidos pelos filósofos ilustrados como propagadores do fanatismo. Assim, ao lado do despotismo, colonialismo, escravismo e militarismo, o catolicismo integrava, na língua ilustrada, o obscurantismo das trevas.

Em seu texto "As Minas Iluminadas; a Ilustração e a Inconfidência"<sup>10</sup>, Sérgio Paulo Rouanet propôs-se a verificar em que medida as idéias do movimento ilustrado atualizam-se no

---

<sup>8</sup> STAM, Robert. **Bakhtin** :...da teoria literária à cultura de massa. São Paulo : Ática, 1992.

<sup>9</sup> KRAMER, Literatura, crítica..., p.154.

<sup>10</sup> ROUANET, Sérgio Paulo. As Minas Iluminadas e a Ilustração. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo : Companhia das Letras, 1992. p.329-345.

discurso da Inconfidência Mineira em dois níveis: o da língua e o da palavra.

A "língua ilustrada" seria formada, segundo esse autor, pelos princípios e pressupostos articulados pelo movimento enciclopedista do século XVIII que formam uma *epistéme*.

O mundo era percebido segundo categorias descritivas extraídas do direito natural e do empirismo, sobre um fundo normativo que incluía pressupostos subjacentes e não questionados, como a autonomia e a universalidade da razão, o poder da educação para arrancar os homens da treva, a perfectibilidade do homem, a onipotência da política, e a fé na dignidade e liberdade do homem.<sup>11</sup>

A "palavra ilustrada", por sua vez, é o acervo semântico desse movimento que pode ser utilizado de maneira livre e seletiva por outros personagens e em outros momentos históricos, omitindo alguns temas e enfatizando outros.

A Ilustração funcionava agora como um acervo semântico, e não mais como sintaxe. Assim, uns iam buscar em Montesquieu sobretudo sua condenação da tirania(..) Uns iam se abastecer em Voltaire de temas relativos aos direitos humanos, outros em temas relativos à campanha antireligiosa(...).<sup>12</sup>

Ambas, língua e palavra, tornaram-se universais, podendo ser atualizadas em outras circunstâncias, como na Inconfidência Mineira, fazendo ressoar os ideais ilustrados e

---

<sup>11</sup> ROUANET, As Minas Iluminadas..., p.330.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 331.

criando avatares do que Rouanet denomina de "espírito iluminista", ou seja, criando outras correntes que, ao realizarem esse espírito o transforme e o destile de acordo com as especificidades da época na qual ele é (re)invocado.

Enquanto construção, o Iluminismo tem uma existência meramente conceitual: é a destilação teórica da corrente de idéias que floresceu no século XVIII em torno de filósofos enciclopedistas como Voltaire e Diderot, e de herdeiros dessa corrente, como o liberalismo e o socialismo, que, incorporando de modo seletivo certas categorias da Ilustração, levaram adiante a cruzada ilustrada pela emancipação do homem.

13

Os inconfidentes, ao lutarem contra a metrópole pela liberdade, utilizaram a matriz universal construída pela Ilustração. A fundamentação de um movimento revolucionário específico a partir de idéias universalistas longe de afirmar a importação de idéias, revela a essência da universalidade, pois esta não anula as particularidades, mas as integra de maneira específica, obedecendo "os limites do pensável" de determinada época.

Pode-se encontrar algumas outras dessas construções mentais dotadas de espírito iluminista perdidas no passado e ainda não recuperadas...

Não se toma o anticlericalismo curitibano, como um movimento cujas idéias tinham contorno iluminista, apenas pela obviedade de seu lema- *écrassons l'infame* ("esmaguemos o infame") - citado de Voltaire. A cruzada contra a Igreja

<sup>13</sup> ROUANET, Sérgio Paulo. Iluminismo ou barbárie. In: *Mal-estar na modernidade* : ensaios. São Paulo : Companhia das Letras, 1993. p.13.

Católica empreendida por esse filósofo no momento histórico da Ilustração inspirou o anticlericalismo curitibano, juntamente com outras idéias vindas da "palavra ilustrada" ( razão, ciência, liberdade de consciência, autonomia intelectual) e selecionadas de acordo com a configuração específica que tomou esse movimento anticlerical ao modular-se pela preocupação maior, qual seja, o projeto de construção da identidade nacional e regional.

Ao eleger a razão como elemento de identificação de uma estrutura de pensamento que tem a sua inteligibilidade no código da matriz ilustrada os anticlericais curitibanos atualizaram o "espírito iluminista" em uma dimensão específica, colocando-se como portadores da modernidade cultural a ser consolidada na nação. Esta modernidade cultural abrangia os campos da ciência, da arte e da moral e identificava-se ao republicanismo, ao cientificismo e ao racionalismo, filosofias essas que serviriam de alicerce para a construção da nação brasileira com a via aberta pela proclamação da república.

O objetivo dessa pesquisa é, então, buscar compreender em que medida algumas idéias selecionadas do código ilustrado estão presentes no movimento anticlerical curitibano em sua tensão com o corpo clerical, atualizando justamente a metáfora da batalha entre luz e treva na qual condensaram-se os pressupostos básicos daquele código, como a autonomia da razão, a liberdade de consciência e a universalidade do saber científico contra o obscurantismo.

\*

A partir do material pesquisado, composto principalmente de artigos da imprensa católica e de artigos anticlericais veiculados em revistas culturais, foi-se desenhando um enredo, ou compreensão temporal do objeto, cujos temas essenciais remetiam àquela matriz ilustrada.

Devido ao grande volume da produção anticlerical houve a necessidade em optar pela produção de um escritor particular como fio condutor. Essa opção tornou-se possível graças à descoberta dos textos anticlericais do curitibano Euclides Bandeira (1876-1947) nas altas e imponentes estantes do Círculo de Estudos Bandeirantes.

Euclides Bandeira era leitor de Spencer, Zola, Diderot, da Bíblia, de Comte, Vitor Hugo, Artur de Azevedo, bem como de Dario Vellozo, além de outros amigos anticlericais e livre-pensadores.<sup>14</sup> A sua vivência e produção anticlerical mostraram a personagem Euclides Bandeira como extremamente significativa para se explorar as preocupações dominantes de sua época, como conceitos, idéias e princípios. A leitura de depoimentos de seus amigos e conhecidos, veiculados principalmente após sua

---

<sup>14</sup> As leituras de Euclides Bandeira são reveladas nas suas bibliografias montadas no final de vários textos de sua autoria e também através de informações indiretas em textos de outros anticlericais quando comentam sobre Euclides Bandeira.



morte em artigos biobibliográficos,<sup>15</sup> vieram celebrar sua escolha como fio condutor desse trabalho ao reforçarem a radicalidade da vivência anticlerical de Euclides Bandeira em decorrência de seu "caráter combativo" sempre lembrado nesses depoimentos.

As balizas cronológicas, então, foram demarcadas levando em consideração a participação de Euclides Bandeira no movimento anticlerical de Curitiba. Em 1896 ingressou no mundo das letras, imprimindo aí sua escrita combatente anticlerical. Em 1912 sua verve anticlerical foi perdendo aquela pujança literária e combatente, mesmo porque Euclides Bandeira, nessa época, começou a afastar-se do cotidiano das letras e a colaborar somente esporadicamente em jornais e revistas, dedicando-se mais à administração do Centro de Letras que fundou, nesse ano, juntamente com Emiliano Pernetta.

---

<sup>15</sup> HOERNER, Valério. Euclides Bandeira, fundador. In: VARGAS, Túlio; HOERNER, Valério & BÓIA, Wilson. *Academia Paranaense de Letras* :...1936, 1995; biobibliografia. Curitiba : CR&C\Verbo, 1995. p.79; BANDEIRA, Glaucio. *Euclides Bandeira*; roteiro biográfico. Curitiba: Rádio Guairacá, 1954. (Apresentado no programa radiofônico Tronco dos Pinherais); SOTTOMAIOR, Sebastião Paraná de Sá. *Galeria Paranaense*;...notas biográficas. 1922. p.302-309; PILOTO, Valfrido. Um demônio de bom nome e bom efeito. In: *Páginas de casa*. Curitiba : Gráfica Paranaense, 1941.

\*

As fontes, além das obras anticlericais de Euclides Bandeira<sup>16</sup>, constituíram-se de artigos escritos pelos anticlericais nas revistas culturais que divulgavam essa postura; em menor número, artigos da imprensa onde o conjunto dos textos católicos tornou-se o volume maior; algumas importantes obras de outros anticlericais publicadas em Curitiba.

\*

Ao longo dos capítulos buscou-se expor a apropriação específica pelo movimento anticlerical curitibano em sua articulação com a língua ilustrada como estratégia intelectual para impor sua concepção de mundo frente à representação clerical.

O primeiro capítulo mostra como a vivência de Euclides Bandeira em seu universo cultural, tanto em Curitiba como em sua breve passagem pela capital do país, pautou-se e modelou-se pela preocupação em torno da construção de uma identidade nacional bem como regional. Seu engajamento no movimento anticlerical de Curitiba busca explicar-se exatamente na defesa daquelas identidades frente aos supostos inimigos da

---

<sup>16</sup> BANDEIRA, Euclides. *A mulher e o romanismo*. Curitiba : Typ. a vapor Impressora Paranaense, 1901; ..... *Heréticos*. Curitiba : Typ. da Livraria Economica, 1901; ..... *Versos piégas*. Curitiba : Typo-Lith. Novo Mundo, 1903; ..... *Troças e traços*. Curitiba : Films Coritibanas, 1909.

A lista das obras completas de Euclides Bandeira encontram-se no Anexo 2, bem como a tipologia das fontes.

pátria, como o clero.

A autonomia e a individualização são trabalhadas, no segundo capítulo, através das bandeiras essenciais do anticlericalismo, como a educação laica e o combate à influência do padre na esfera privada, principalmente via mulheres que, em suas visitas ao confessor, revelam aí segredos íntimos da família ao dirigente da comunidade católica.

A educação moderna laica garantiria a autonomia intelectual do homem contra a tutela da religião e o perigo desta em infantilizar e eliminar a vontade própria, o "pensar por si mesmo". O afastamento das mulheres dos espaços sagrados também era um meio de garantir essa autonomia, tornando o lar o lugar por excelência da formação das mentes modernas, distanciadas dos dogmas obscurantistas.

A postura anticlerical tem como princípio o livre-pensamento e este, por sua vez, é regido por idéias e doutrinas universais que tenham a razão como elemento normatizador.

O terceiro capítulo busca entender as transformações sofridas pelo anticlericalismo literário de Euclides Bandeira, a partir da influência da linguagem anarquista, presente na imprensa curitibana nos primeiros anos do atual século. Além dessa transformação, o último capítulo busca encontrar os refúgios daquele anticlericalismo literário, encontrando-o na memória daqueles que, posteriormente, resgataram a produção combativa de Euclides Bandeira. Essa recuperação deu-se,

principalmente, pelo pensamento paranista, colocando Euclides Bandeira como digno representante do torrão natal. Enquanto isso, outro estilo de anticlericalismo continuava a ser defendido por Dario Vellozo e alguns outros intelectuais. E foi esse anticlericalismo espiritualista o derrotado pelo fortalecimento da Igreja a partir da década de 1910.

De forma não estanque ao longo dos capítulos buscou-se compreender, então, a particularidade do movimento anticlerical curitibano em sua leitura dos pressupostos universais da matriz ilustrada, unindo universalidade, autonomia e liberdade a partir da questão latente da construção das identidades nacional e regional.

## 1. EUCLIDES BANDEIRA: UM SAPO LETRADO E SEU UNIVERSO CULTURAL

Da sombria masmorra - um covil subterraneo  
 Passava o prisioneiro à gruta da Tortura,  
 E ahi a roda atroz, o açoute, o eculeo, a dura  
 Roldana, o ferro em braza, escarpes, o instantâneo

Choque do corpo içado e o baque simultaneo,  
 Deixavam de tal sorte a pobre creatura,  
 Que antes fôra melhor a victima, na escura  
 Parede da prisão estilhaçar o crâneo.

Tormentos infernaes, crueldade tremenda,  
 Requentes de hediondez, fereza sem exemplo,  
 E tudo em nome d'Elle - infamissima blague! -

Cuja unica violencia, ó revolta estupenda!  
 Consistio em tocar os vendilhões do Templo  
 Cortando-lhes a cara a golpes de azorrague! <sup>1</sup>

### 1.1 FACETAS DE UM HOMEM MODERNO

#### 1.1.1 EUCLIDES BANDEIRA: JORNALISTA E POETA

Curitiba dantes era o paraíso dos sapos. Pequenos,  
 grandes, pardos (...) Estavam em toda parte, chatos,  
 cozidos com o chão, grandes, olhos parados, aquelles  
 magnetizadores olhos de topázio (...).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> BANDEIRA, Euclides. Inquisitorial. In:..... *Heréticos*, p. 23-24.

<sup>2</sup> .....Feitiçaria. *Prata da Casa*, Curitiba, n.54, p.10-11, 1º trim. 1935.

Euclides da Motta Bandeira e Silva nasceu quando Curitiba ainda não havia perdido seus sapos. Antes da chegada maciça dos bondes elétricos, dos ônibus e automóveis. Quando moleques, como ele, divertiam-se matando a saparia saída dos banhados dos rios Ivo e Belém. Talvez os batráquios das águas do Ivo fossem as vítimas mais frequentes, pois a pequena chácara onde morava o menino Euclides localizava-se em uma elevação próxima a esse rio, entre a Rua das Flores e a Ébano Pereira, em uma casa "*(...)térrea, pintada de amarelo escuro, bem cercada, terreno com fundos para a praça Zacarias, então largo da Ponte*".<sup>3</sup>

Aos catorze anos o moleque Euclides recebeu uma libra esterlina de ouro do Superintendente de Ensino Público do Paraná, Dr. Vicente Machado, como prêmio a sua aprovação com distinção no exame final do curso primário. Laureado por sua dedicação aos estudos Euclides Bandeira convenceu junto aos seus pais a permissão para seguir carreira militar.<sup>4</sup>

Neto do Coronel Joaquim José Pinto Bandeira e do Capitão Joaquim José Pinto Bandeira; tataraneto do Cavaleiro Antonio Pinto Bandeira; e, parente distante de Baltazar Carrasco dos Reis <sup>5</sup>, Euclides Bandeira trocava, assim, pela única vez, os banhados de Curitiba pelas agitações da capital

<sup>3</sup> Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, Curitiba, v. XLVIII, p.368, 1993.

<sup>4</sup> Quando, no começo da década de vinte, Sebastião Paraná pediu a Euclides Bandeira sua autobiografia para inseri-la no livro "Galeria Paranaense", publicado em 1922 por aquele escritor, o matador de sapos desfilou alguns nomes de antepassados que, embora distantes e muitos desconhecidos entre si, tinham algo em comum: a bravura militar.

<sup>5</sup> O pai de Euclides Bandeira, Carlos da Motta Bandeira e Silva, era filho do casal Francisco Assis Silva e Florisbela Morocines, ela do trono Carrasco dos Reis, um dos pioneiros na época do erguimento do pelourinho em Curitiba, no ano de 1693.

republicana. Ingressou o 80 Regimento de Cavalaria aos dezesseis anos, indo estudar na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Lá, Euclides Bandeira...

...Colaborava no jornalismo da época -Coxamblança- feito a mão escrevendo quadras de humorismo mordaz com os acontecimentos mais destacados da vida dos alunos. Os versículos eram depois declamados no início dos saraus quinzenais..<sup>6</sup>

Alguns poucos anos mais tarde Euclides Bandeira enraizou essa verve jornalística, profissionalmente, em Curitiba. Na memória da intelectualidade curitibana que o conheceu e o acompanhou nessa atividade seu nome é lembrado como um dos mais importantes jornalistas da imprensa da cidade. Isso deveu-se, principalmente, a sua atuação, entre 1902 e 1912, na direção do "Diário da Tarde", periódico fundado em Curitiba em 1899.

Ficou conhecido, informalmente, como "Príncipe do Jornalismo Paranaense", com merecimento, título legado mais tarde a Raul Gomes, seu discípulo no antigo Diário da Tarde, reconhecida escola de letras comandada por Bandeira.<sup>7</sup>

Em depoimento em homenagem a Euclides Bandeira, ao participar do programa radiofônico na rádio Guairacá na década de 50, Raul Gomes ilustrou bem o perfil do periódico na época do "Príncipe do Jornalismo".

---

<sup>6</sup> Depoimento do Gal. Mário Tourinho. BANDEIRA, Glaucio. p.12.

<sup>7</sup> HOERNER Jr., Euclides Bandeira..., p.79.

O Diário era então, o ruidoso quartel general da mocidade literária, vibrante de talento, de ironias, de exageros e explosões próprias da idade.<sup>8</sup>

Quartel general das letras conduzido pelo militar Euclides Bandeira. Em vários momentos daqueles depoimentos, colhidos por seu filho Glaucio Bandeira, destacou-se a personalidade combatente com a qual o diretor do Diário da Tarde comandava suas lutas jornalísticas. Parece que em verdadeiro campo de batalha até o estilo de escrever de Euclides Bandeira era tiro certo, após arquitetada uma boa estratégia.

...Seus artigos eram escritos sempre a mão sem qualquer emenda ou rasura. Escrevia-os no clamor de um campanha de sentada, ou arquitetava-os com carinho, totalmente absorto em sua poltrona de onde, depois, ia para mesa e sem deter, com serenidade, lançava todo artigo...<sup>9</sup>

Foi nas páginas desse periódico, por exemplo, que saíram artigos "ruidosos e explosivos" contra o acordo de limites entre Paraná e Santa Catarina quando da Guerra do Contestado.

O Diário da Tarde, além de agitado quartel general, tornou-se um tugúrio<sup>10</sup> ampliado, não restringindo o número de colaboradores, mas selecionando-os pelos critérios de juventude e talento. Euclides Bandeira consolidou aí sua

<sup>8</sup> PILOTO, Um demônio..., p.92.

<sup>9</sup> BANDEIRA, Glaucio, Roteiro..., p.21.

<sup>10</sup> Expressão utilizada na época para designar um espaço, tipo um gabinete de estudos, onde reuniam-se de quatro a cinco estudantes.



posição no microcosmo cultural curitibano como "... grande animador da juventude a quem escancarava as colunas de seu jornal e ajudava a criar nome...".<sup>11</sup>

Rodrigo Júnior (1887-1964), Gelbeck (1879- ? ) e outros moços começaram suas carreiras literárias remetendo para a redação do Diário da Tarde poesias escritas com a mão trêmula, pois temiam a reação do diretor. Depoimento do próprio Rodrigo Júnior revela esse sentimento, misto de medo e ousadia.

Corria o ano de 1905. Velho admirador de Euclides minha timidez não me permitia que dele e dos seus me achogasse, voluntariamente. O Diário da Tarde tinha uma seção permanente na segunda página embaixo onde vinham os sonetos. Conhecendo a justeza crítica de Euclides, seu empenho pelos novos, um dia criei coragem e - zás - pelo correio, mandei o soneto *Hiperion* (...). Dois dias depois, esplendido, lá estava ele. descansava com meu pai na sala quando o garoto trouxe o Diário. Num relance vi o soneto. Chamei-lhe a atenção e ao cabo de minutos ouvi o comentário - bom. Foi quando, ufano, arrematei - é meu!<sup>12</sup>

Quando a reação do diretor do Diário da Tarde era positiva, abriam-se as portas do periódico para novos colaboradores, além de fazer aumentar a roda de amigos em torno de Euclides Bandeira, o tão admirado diretor que usava continuamente um característico boné, vestia sobrecasaca preta, calça listrada e botina de elástico à moda parnasiana "(...) e era de alegria contagiosa. Raul Gomes e outros fixam que sua roda fervilhava de piadas mas que, em absoluto, não

<sup>11</sup> BANDEIRA, Glaucio. p.17.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

tolerava obscenidades e intrigas".<sup>13</sup>

O "estilo parnasiano" de Euclides Bandeira não teve algum problema em conviver com a poesia simbolista que imperava nas letras curitibana desde o final do século XIX até os primeiros anos do século XX. Quando ingressou na carreira literária e antes de ser absorvido pela atividade jornalística, publicou<sup>14</sup> várias poesias simbolistas na "Revista do Club Coritibano" (fundada em 1890 como órgão da associação recreativa homônima), na "Revista Azul"<sup>15</sup> e na "Breviário"<sup>16</sup> as quais deram espaço aos versos místicos, sinestésicos e metafóricos dignos da estética simbolista.

Tasso da Silveira, no entanto, em seu painel da literatura paranaense escrito na década de 50, afirmou que Euclides Bandeira "... durante o movimento simbolista conseguiu se impor como parnasiano que sempre foi, (...)".<sup>17</sup>

Parnasianismo e simbolismo, porém, não formam duas concepções diferentes de poesia. O simbolismo nasceu,

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.21.

<sup>14</sup> "A partir de 1897 rara foi a publicação em Curitiba que não tivesse Euclides Bandeira como colaborador - O Sapo, o Pharol, Pallium, não Cigarilha, Club Coritibano, Turris Eburnea, Stelário, Brasil Cívico, Esphynges, Anthos, Atlantida, Revista do Povo, Terra dos Pinherais, Álbum do Paraná. Entre as publicações de que foi um dos fundadores e redatores enumera Sebastião Paraná: "a revista Azul, Casa da Sogra, Ninho de Vespas, o Pregão, Olho da Rua, a estusiente revista no genero ainda não superada entre nós, a Bomba, o Anzol, o jornal diário, A Notícia e a Revista do Centro de Letras do Paraná e muitos outros para não dizer quase todos os órgãos de nossa imprensa até o seu desaparecimento. Fundou, com outros, o Electra, órgão da Liga anticlerical e colaborou na Jerusalém e Acácia, órgão maçônico e na Vanguarda. No Livre-Pensador, de São Paulo, Defesa Nacional, do Rio de Janeiro, Boletim da Oficina dos Novos do Maranhão" (BANDEIRA, Glaucio, p.13-14)

<sup>15</sup> Revista literária que circulou no ano de 1900.

<sup>16</sup> Revista literária de direção de Romário Martins e Alfredo Coelho que circulou, com esse título, em 1900 com a publicação de somente dois números. A partir de novembro de 1900 foi incorporada à uma revista de arte denominada "Pallium", resultando na "Turris Eburnea".

<sup>17</sup> SILVEIRA, Tasso. *apud* SAMWAYS, Marilda Binder. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba : Livros HDV, 1968. p.26.

justamente, no seio do parnasianismo, herdando a mesma estética e preocupação formal, mas diferenciando-se por seu vocabulário hermético, metafórico, sugestivo.<sup>18</sup>

O movimento simbolista paranaense, contudo, não pode ser entendido como algo entre o parnasianismo e o modernismo posterior, mas como um movimento cujas raízes eram profundas nesse solo cultural que buscava sua autonomia. Pode-se sugerir que uma das fontes que alimentou o simbolismo paranaense, tornando-o um dos principais da nação, foi a filosofia ocultista adotada por alguns intelectuais, como Dario Vellozo.

A literatura simbolista já era apreciada por esses letrados curitibanos pelo menos desde a fundação da revista "Club Coritibano", a qual estava estreitamente ligada ao movimento, chegando a publicar uma lista de intelectuais paranaenses que haviam contribuído, com dinheiro, para a família de Cruz e Souza após seu falecimento, em 1898. Mesmo tendo perdido muito de sua força com a morte do "poeta negro", regionalmente, o movimento simbolista multiplicou-se nas revistas culturais que difundiam sua estética e seu ideário. Entre 1890 e 1907 Curitiba tornou-se um dos principais centros de irradiação do simbolismo, somente igualado ao Rio de Janeiro.<sup>19</sup>

Nessa época, Dario Vellozo era o principal colaborador

---

<sup>18</sup> Os versos simbolistas "(...) Tornaram possível a fixação do imponderável, do evanescente, de tantas sensações e idéias para as quais a linguagem poética anterior se tornara insuficiente (...)". MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. Rio de Janeiro : v.1, Instituto Nacional do Livro, 1952. p.42.

<sup>19</sup> MASSAUD, Moisés. **A literatura brasileira: o simbolismo (1893-1902)**. São Paulo, v.IV, Cultrix, 1967.

literário da revista "Club Coritibano" e responsável pelos primeiros textos sobre ocultismo, preparando o terreno para receber a escrita subjetivista e hermética do simbolismo. A partir de 1893 o contato com a corrente filosófico-literária simbolista estreitou-se ainda mais. Nesse ano voltava de seus estudos em Bruxelas o letrado João Itiberê, mais conhecido por "Jean", e, em sua bagagem trazia várias obras simbolistas. Dentre elas, a mais importante foi a do simbolista belga Iwan Gilkin, cuja influência foi decisiva sobre Dario Vellozo. O poeta belga chegou a colaborar na revista "O Cenáculo"<sup>20</sup> que acabou sobrepujando a do "Club Coritibano" ao expandir ainda mais o simbolismo no Paraná.

Erasmio Piloto, aliás, chama a atenção para a importância do regresso a Curitiba, de Jean Itiberê. Ele conhecera, na Europa, pessoal ou intelectualmente, Paladan, Stanislas de Guaita, Papus e outros. Assim, revelaria sua obra esotérica e mágica aos intelectuais curitibanos (...).<sup>21</sup>

As novidades trazidas por "Jean" estreitaram as relações entre ocultismo e simbolismo que já vinham sendo ensaiadas na revista do Club Coritibano e que, em 1909, radicalizaram-se com a fundação do Instituto Neo-Pitagórico.

Inspirado na Escola de Krotona, fundada por Pitágoras, o Instituto Neo-Pitagórico (INP) destinava-se:

---

<sup>20</sup> "O Cenáculo" foi fundada em 1895 por Dario Vellozo, Silveira Neto, Júlio Pernetta e Antônio Braga a partir de conversas e reuniões feitas na casa de Dario Vellozo entre leituras e conferências orais sobre literatura, ciências e arte. SAMWAYS, p.19-20.

<sup>21</sup> BALHANA, p.61.

"(...)ao estudo, ao desenvolvimento das faculdades superiores do ser, ao altruísmo, inspirado nos VERSOS DE OURO de Pitágoras, para a Cultura, para a Verdade, para a Justiça, para a Liberdade, para a Paz, para a Fraternidade e para a Harmonia".<sup>22</sup>

Considerado uma "frateria", o INP e sua "filosofia superior" , atraiu leigos defensores do livre-pensamento, tornando-se uma instituição cujas regras não reconheciam "(...) distinções de raça, nacionalidade, fortuna e posição social, nem de credo religioso, filosófico ou político".<sup>23</sup> Os simbolistas do Cenáculo, alimentando-se cultural e filosoficamente do ambiente místico europeu no qual surgiu o movimento simbolista, aproximaram-se dessa "frateria" onde respirava-se esoterismo, ocultismo, teosofismo e outros saberes herméticos. Surgido depois do auge do movimento anticlerical curitibano, ocorrido na virada do século, o INP, a partir dos seus "estudos superiores", manteve aceso o anticlericalismo no decorrer da década de 1910, unindo-o ao ocultismo e ao simbolismo em nome do livre-pensamento. O INP,

Estudando a literatura, mostrou como toda ela está impregnada da filosofia da morte, do Cristianismo dissolvente, com as suas sombras, com os seus claustros, com as suas melancolias, etc., e que nós mesmos livre-pensadores estamos cheios dela, perpetuando a Igreja que faz do mundo um vale de lágrimas, quando ele é um vale de flores...que devemos opor a isto, a alegria e jovialidade helênicas, como reação a tantos séculos de morbidez católica.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> A LÂMPADA, órgão do Instituto Neo-Pitagórico, ns.200-203, 1990.

<sup>23</sup> Ibidem. s.p.

<sup>24</sup> Ata da sessão do INP realizada em 5 de agosto de 1914. apud BALHANA, p.62.

Adentrando, aos poucos, no mundo hermético simbolista, porém sem nenhuma timidez, Euclides Bandeira agitou esse ambiente literário da virada do século ao utilizar versos simbolistas como instrumentos de uma poesia menos intelectualizada e mais engajada na "reação a tantos séculos de morbidez católica".

Marilda Samways caracteriza a presença de Euclides Bandeira nesse momento como inauguradora da segunda fase do simbolismo na história da literatura paranaense. Foi o período da "revolta dos novos", de 1898 a 1913<sup>25</sup>; período do anticlericalismo literário que rendeu o grupo do "Cenáculo" pela força de suas estrofes "...palpitantes de vida e de beleza...", como descreveu Júlio Pernetta, um dos fundadores daquele grupo, em seu prefácio ao livro "Heréticos, de Euclides Bandeira."<sup>26</sup>

Os simbolistas, acusados muitas vezes de *nephelebatas*<sup>27</sup>, encarnaram, na história da literatura, mesmo européia, uma imagem de sonhadores, distantes da realidade. Quebrando os limites rígidos entre sonho e realidade, porém, a maioria dos simbolistas brasileiros, pelo menos aqueles cujas biografias são mais conhecidas <sup>28</sup>, era anticlerical e ligada à maçonaria, lutando pela construção da nação enquanto livre-

<sup>25</sup> SAMWAYS, p.26-27-28.

<sup>26</sup> PERNETTA, JÚLIO. Prefácio. In: BANDEIRA, *Heréticos*, p.7.

<sup>27</sup> Expressão de Rabelais cujo significado literal seria "gente que anda nas nuvens".

<sup>28</sup> "(...) quase todos os simbolistas brasileiros, com raras exceções; se empenharam apaixonadamente nas campanhas pela Abolição e pela República. Quase todos eram anticlericais e maçons. Eram essas as preocupações dominantes da época(...)" MURICY, p.38.

pensadores mesmo tendo como arma uma poesia simbolista com seus ares de sonhos.

### 1.1.2 TAL LITERATURA, QUAL NAÇÃO?

A busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação, seria tarefa que iria perseguir a geração intelectual da Primeira República. Tratava-se, na realidade, de uma busca das bases para a redefinição da República, para o estabelecimento de um governo republicano que não fosse a caricatura de si mesmo.<sup>29</sup>

Segundo o historiador José Murilo de Carvalho três ideologias disputavam a organização e os símbolos do novo regime brasileiro: liberalismo à americana, onde a mínima intervenção do Estado possibilitasse a formação de uma sociedade de indivíduos autônomos, compatibilizados pelos mecanismos do mercado; jacobinismo à francesa e sua idealização da democracia direta clássica; positivismo, buscando, na superação do regime monárquico, a instalação da república como a fase positiva da humanidade, sua idade do ouro.

Dos três modelos, o americano e o positivista davam ênfase aos aspectos de como o poder deveria ser organizado. O jacobinismo, ao colocar a intervenção popular como fundamento

---

<sup>29</sup> CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990. p.33.

do novo regime, desdenhava esses aspectos da institucionalização. Portanto, a idéia de ditadura republicana da versão jacobina, de um governo discricionário de salvação nacional era vaga.

Aliás, diz José Murilo de Carvalho, antes mesmo da instalação da República no Brasil, as idéias norte-americanas já tinham sido adaptadas por políticos imperiais com a preocupação principal voltada para a organização do Estado em sua unidade política, enquanto uma estratégia de defesa da manutenção de seus interesses particulares.

O liberalismo foi, então, a ideologia vitoriosa na virada do século, superando o positivismo que, por seu apelo aos valores advindos da vivência comunitária (família, pátria e humanidade) em uma época de desigualdade social e intensa especulação financeira tornou-se também vazio. A Constituição de 1891 expressou a vitória do modelo político norte-americano de república e era essa a opção feita pelo grupo dos proprietários rurais, principalmente representado pelos paulistas. Defendiam a exclusão da participação popular e a preponderância dos interesses particulares e enfatizavam a solução federalista de distribuição do poder. Essa vitória, no momento em que se discutia a formação da nação e da cidadania, tornou o liberalismo a consagração da desigualdade, a sanção da lei do mais forte.<sup>30</sup>

Segundo Alfredo Bosi, ocorreu a introdução de um pensamento político mais moderno a partir de 1868, quando uma

<sup>30</sup> *Ibidem*, cap.1.



corrente liberal mostrou-se mais confiante no trabalho livre e adotou como bandeira a questão da abolição.

Esse novo liberalismo deu o tom ideológico dos anos 80, quando reformistas, intelectuais positivistas e evolucionistas e republicanos radicais tomaram a defesa, no parlamento, na imprensa e nos meios acadêmicos, do trabalho livre e de um regime político mais representativo. Unia-os, então, o sentimento de descontentamento para com o regime imperial oligárquico e escravista.<sup>31</sup>

Desse descontentamento ocorreu "... a filtragem ideológica diversificada das doutrinas européias..."<sup>32</sup> na busca da formação da nação sob o signo do trabalho livre, da industrialização e da democracia moderna, aos moldes do que ocorria na "civilização".

A vitória daquele liberalismo republicano defendido pelos proprietários rurais não trouxe consigo essa veia moderna e um outro momento de descontentamento, agora para com os rumos tomados pela jovem república, permitiu uma nova e também diversificada filtragem ideológica de idéias e doutrinas estrangeiras. Redefinir o regime republicano; essa a tarefa para a geração intelectual da Primeira República.

---

<sup>31</sup> BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. In: ..... *Dialética da colonização*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.237.

### 1.1.3. O PODEROSO CANHÃO DA PALAVRA ESCRITA

Escrevendo em um dia curitibano bem típico de céu encoberto, no ano de 1892, Nestor de Castro (1867-1906) lamentava a calma literária que se assolava sobre o Paraná - já que as atenções estavam concentradas na nova vedete, a capital federal - e acusava jovens talentos da terra (Nestor Vitor, Sebastião Paraná, Jaime Balão, Emiliano Pernetá) de para lá mudarem-se, abraçando a política ou outras atividades que não a literatura paranaense.

E assim se foram debandando os nossos antigos companheiros, aqueles guapos rapazes que no torneio da prosa e do verso iam adquirindo fama, valor e coragem. (...) colocaram-se diante da fase evolutiva porque vai passando a pátria, encostaram a sua ferramenta de trabalho e vivem por aí sem a menor lembrança de que a eles, os inteligentes da moderna geração paranaense, cumpre enaltecer os destinos de sua terra, lutando pelo Bem com o poderoso canhão da palavra escrita(...).<sup>33</sup>

Na capital federal a carreira desses escritores foi amortecida, pois a República causou um estado de euforia, de satisfação, interpretado por Nestor de Castro como uma indisposição para as letras, uma vez que eles já tinham tomado a pena de escrever como arma, lutando contra a monarquia agora desfeita.

Dario Vellozo, carioca por nascimento e curitibano por

<sup>33</sup> CASTRO, Nestor de. Actualidades. In: *Jornal do Comércio*. n.544, 1892.

coração, criticaria esse "abuso centralista" exercido pela capital federal em terreno cultural, conclamando os talentos paranaenses à reação contra o cosmopolitismo impensado a partir de uma produção escrita bem refletida.

Ao lado de Dario Vellozo outros escritores da terra (Silveira Netto, Júlio Pernetta e Antônio Braga) deram forma de revista à essa luta contra a apatia intelectual do Paraná, fundando "O Cenáculo". Auxiliados por vários colaboradores (Rocha Pombo, Emiliano Pernetta e Emílio de Menezes, por exemplo) os fundadores da revista aceitavam toda colaboração, exceto as anônimas, que ilustrasse sua Divisa: Moral por princípio, Sinceridade por norma e Aperfeiçoamento por fim.

"Queremos o auxílio e apoio dos que labutam valorosamente para que o Paraná se não conserve alheio ao movimento científico-litterario do Brazil, para que o Paraná tenha litteratura, para que o Paraná reaja contra a fratecida inercia do Indifferentismo sem nervos, concorrendo com robustos elementos para a autonomia da Pátria (...), reagindo contra o cosmopolitismo que nos avassala, que nos corrompe, que nos submerge, esmaga e destroe (...)"<sup>34</sup>

Se, no Rio de Janeiro o fundamental "*(...) era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do velho mundo (...)*"<sup>35</sup>, em terras paranaenses o crucial era buscar e expor suas específicas contribuições à formação da identidade nacional. Era o que pediam os escritores da revista "O

---

<sup>34</sup> VELLOZO, Dario. O Cenáculo. In: O Cenáculo. 1896.

<sup>35</sup> SEVCENKO, Literatura..., p.36.

Cenáculo":

"Ficou resolvido, desde Dezembro findo, pugnarmos por essa idea, -acceitando penhoradissimo, em as columnas desta Revista, tudo quanto possa interessar à vida e costumes de nosso selvagem. Não pretendemos continuar a litteratura indianista, nos moldes vazados por Domingos de Magalhães e José de Alencar; procuraremos interpretar o Indio(...) apresentando-o como verdadeiramente se o encontra, - estudando-o como factor indispensavel à característica do povo Brasileiro. <sup>36</sup>

O que significava romper com o indianismo de Alencar?

Na literatura romântica, fundada pela pena de José de Alencar ao escrever os romances "Guarani" e "Iracema", a representação da sociedade brasileira dos séculos XVI e XVII mostrou uma simbiose entre portugueses e índios, esvaziando a identidade nativista.<sup>37</sup>

O grupo "O Cenáculo" pretendia romper justamente esse molde romântico ao buscar "... interpretar o índio... apresentando-o como verdadeiramente se o encontra" como definiu Dario Vellozo.

Qual mecanismo permitiria a essa geração de intelectuais da Primeira República acreditar em encontrar a representação da verdade?

O naturalismo, o cientificismo, o positivismo e o evolucionismo eram doutrinas filosóficas correntes na virada do século e mesmo já vinham sendo pensadas por alguns grupos de intelectuais e políticos nativos, desde a metade do século

<sup>36</sup> VELLOZO, Dario. O Cenáculo. In: **O Cenáculo**. 1896.

<sup>37</sup> BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial. In: **Dialética...**, p.176-193.

XIX. Nelas influenciou-se nitidamente o grupo do "O Cenáculo", ao promover o texto literário como documento da sociedade.

Característica do pensamento clássico do Século das Luzes, a crítica naturalista foi resgatada no final do século XIX não só pela literatura, mas foi englobada na doutrina positivista e evolucionista. Ambas promoviam uma continuidade entre natureza e história. Esta, deveria ser reproduzida nas artes e nas letras, documentos que refletem as condições sociais e naturais.

A representação do índio seria indispensável na composição nacional sob esse ponto de vista e, portanto, seus usos e costumes não deveriam escapar aos textos literários que documentariam a identidade nacional. Para a análise dos componentes nacionais, os literatos da virada do século filtravam pensamentos e doutrinas universais, buscando o equilíbrio entre nacionalidade e cosmopolitismo.

A construção da identidade nacional inspirava-se, assim, no modelo exterior de formação de Estados Nacionais soberanos e autônomos e, dessa ambiguidade entre exterior e particular nasceu "*(...) a certeza da necessidade de se construir uma nova identidade nacional, a partir da qual o país pudesse compor o sistema internacional em condições de autodeterminação e resguardado da sua soberania. Justificava-se desse modo a reação contra todo cosmopolitismo a priori*".<sup>38</sup>

A relação de ambiguidade entre o geral e o particular também reproduz-se, assim, em nível nacional. As

<sup>38</sup> SEVCENKO, *Literatura....*, p.230.

particularidades regionais não poderiam ser reduzidas pela força centrípeta do poder central, mas deveriam integrar-se na formação da identidade nacional, "...concorrendo com robustos elementos para a autonomia da Pátria", como deixou claro Dario Vellozo em um de seus artigos publicados, em 1896, na revista "O Cenáculo".

Euclides Bandeira pode ser colocado com fazendo parte da geração paranaense de escritores que iniciou a carreira literária já com o regime republicano instalado, resistindo, no entanto, em morar na capital federal. Euclides Bandeira, aliás, nunca iria trabalhar no Rio de Janeiro, recusando até convites interessantes como o de Edmundo Bittencourt que ofereceu-lhe o cargo de redator-chefe do periódico carioca *Correio da Manhã*.<sup>39</sup> Euclides Bandeira não gostava da idéia de abandonar a Rua XV, o seu *boulevard*! Não só recusou trocar sua querida cidade natal pela capital federal como visava auxiliar na construção da cultura paranaense " com o poderoso canhão da palavra escrita". Se este não precisava mais ser mirado contra a monarquia outro alvo a ser combatido surgia no cenário cultural republicano: o excessivo cosmopolitismo que engolfava numerosos escritores, sufocando tradições regionais que, em seu conjunto, somariam a cultura brasileira.

---

<sup>39</sup> BANDEIRA, Glauco, p.23.

#### 1.1.4 A REPÚBLICA DE EUCLIDES BANDEIRA

Na Escola Militar da Praia Vermelha Euclides Bandeira entrou em estreito contato com uma daquelas ideologias que disputavam a definição da natureza do novo regime brasileiro: o positivismo.

A visão positivista da construção política da jovem república era defendida especialmente pelo grupo dos militares. Três pontos principais na doutrina comtiana os atraíam : a idéia de ditadura republicana; a importância dada ao sentimento de pátria como uma das formas principais de vivência comunitária; e finalmente, a importância dada à formação técnica como instrumento do desenvolvimento científico e industrial de uma nação.<sup>40</sup>

A defesa desses pontos caracterizava a matriz ortodoxa do positivismo dos militares, advinda do texto de A. Comte, "Curso de filosofia política".<sup>41</sup> Adaptada à organização política do novo regime brasileiro, da doutrina comtiana salientou-se, aqui, paradoxalmente, a rejeição à fase teológico-militar correspondente ao regime monárquico e sua superação pela fase positiva, identificada à instalação da república.

---

<sup>40</sup> CARVALHO, p.27-28.

<sup>41</sup> Segundo Alfredo Bosi, tem-se testemunhos da leitura desse livro de Comte, no Brasil, desde os anos 50 do século passado.(BOSI, Alfredo. A arqueologia do Estado-Providência: sobre um enxerto de idéias de longa duração. In: .....*Dialética...*,p.273-307).

A busca de um Estado centralizador - onde o representante coloca-se no lugar do representado e em relação ao qual possui grande independência - e industrial - onde economia, ciência e sociedade relacionam-se de forma dependente -, colocou a filosofia positivista na condução do novo regime durante o período florianista (1891-1894).

O governo do Marechal Floriano Peixoto tomou rumos de combate à corrupção e à especulação, desenvolvidas desde antes da proclamação, passando pelo primeiro governo republicano militar, principalmente instigadas pela política emissionista desenfreada que visava atender as necessidades postas na sociedade com a abolição da escravatura. O segundo governo militar, em seu combate ao "espírito capitalista selvagem", caracterizou-se como a fase jacobina da Primeira República, ao salientar o aspecto intervencionista do Estado como meio de alcançar maior justiça social. Apesar desse combate, a reação ao espírito de enriquecimento pessoal regido pela austera figura do Marechal, a crescente deteriorização da imagem da república brasileira parecia irrefreável. Além disso, a defesa da liberdade, igualdade e justiça social não resultou em uma operacionalização concreta por parte dos jacobinos frente ao



corpo social, tornando-se quase simbólica.<sup>42</sup>

A falange dos jacobinos, porém, foi bastante barulhenta nesse momento específico, tomando a defesa da "Repúblicas às claras". Formada basicamente pelos alunos da Escola Militar da Praia Vermelha discípulos do professor Benjamin Constant, os jacobinos tiveram participação política mais intensa entre 1893 e 1897, com a transição do governo militar para o governo civil de Prudente de Moraes (1894-1898).<sup>43</sup>

Os jacobinos, por não lhe interessarem a solução liberal à americana, defendiam a versão positivista que, através da ditadura republicana, visava estabelecer uma república laica com a defesa da separação entre Estado e Igreja, do casamento civil, da secularização dos cemitérios, da liberdade espiritual e fim da influência da Igreja sobre a educação e a ciência. Eram bastante radicais na defesa dessa forma de república, derivando até para posições xenófobas, ao identificarem alguns grupos étnicos, principalmente os portugueses, à restauração monárquica.

---

<sup>42</sup> José Murilo de Carvalho mostrou como a figura feminina passou a representar a República Brasileira, assim como aconteceu durante a Revolução Francesa. Os positivistas foram o grupo que especialmente utilizou a imagem alegórica da mulher, pois, segundo Comte, ela era a base ao altruísmo, sentimento fundamental da nova sociedade positiva na esfera da humanidade.

Fora os positivistas nenhum outro grupo utilizou-se da imagem feminina como símbolo da exaltação cívica. Os caricaturistas da Primeira República, ao invés, utilizaram essa imagem como forma de ridicularizar a República, representando-a por mulheres debochadas, nada heróicas. (CARVALHO, *A formação...*, cap.4).

<sup>43</sup> QUEIROZ, Suely R. Reis de. *Os radicais da República: jacobinismo; ideologia e ação*. São Paulo : Companhia das Letras, 1986.

Como principal reduto jacobinista a Escola Militar da Praia Vermelha viu muitos de seus cadetes terem sua carreira militar encerrada quando da dissolução dessa instituição, em 1895, após um levante contra o governo civil de Prudente de Moraes, "*(...) quando os alunos vaiaram estrepitosamente o comandante da instituição, general Ourique Jacques e, arrebatando o retrato de Floriano da Secretaria, saíram para a rua, carregando-o como um pendão de guerra*".<sup>44</sup> Os alunos jacobinos revoltaram-se contra o projeto desse governo civil em desarticular toda a estrutura de poder militarista, abrangendo um dos baluartes da república jacobina: a própria Escola Militar da Praia Vermelha.

Segundo informação de Sebastião Paraná<sup>45</sup> Euclides Bandeira também esteve envolvido nessa revolta e, assim como os outros alunos, foi expulso da Escola Militar, tendo gorada sua carreira nas armas.

A 15 de Março de 1895, quando o governo dissolveu o Corpo de Alunos por motivo de sedição, foi excluído do Exército, encerrando assim sua carreira militar, que posteriormente só teve as seguintes alterações: em 1914 foi nomeado Tenente Coronel de um dos batalhões de infantaria da Guarda Nacional de Curitiba e, em 1919, justificou os seus serviços de guerra para ir servir nesse posto da 2ª linha(...).<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> *Ibidem*, p.52

<sup>45</sup> SOTTOMAIOR, Sebastião Paraná de Sá. *Galeria Paranaense...*, 1922.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.302-309.

Euclides Bandeira, porém, havia pontuado com brios sua breve carreira militar, quando de sua participação na repressão à Revolta da Armada e à Revolução Federalista.<sup>47</sup>

Apresentou-se a bordo deste navio em 23 de março de 1894. Seguiu em operações para Santos, Porto Bello, Porto do Desterro. Levantou ferro com a missão de proteção das torpedeiras contra o couraçado Aquidaban e bombardear a Fortaleza de Santa Cruz. Pela ordem do dia 17 de abril de 1894 foi mandado elogiar pelo Sr, Almirante Comandante em Chefe da Esquadra Jerônimo Gonçalves pelo valor e disciplina de que deu exuberantes provas durante o ataque contra as fortificações revoltosas e couraçado Aquibadan. Seguiu para Buenos Aires afim de reconduzir para o Rio de Janeiro navios que, até então ocupados pelos rebeldes, foram por eles entregues ao Governo Argentino. Desembarcou por ordem superior a 30 de novembro de 1894(...).<sup>48</sup>

Após sua expulsão da Escola Militar da Praia Vermelha, em 1895, Euclides Bandeira retornou a Curitiba e, ainda que decepcionado com o brusco rompimento de sua carreira militar, não abandonou as armas. Preservando sua disciplina jacobinista, passou a ter obsessão por uma delas em particular: a palavra escrita. Ele mesmo narra a mudança de um campo de batalha para outro.

---

<sup>47</sup> Como mediador entre diferentes interesses oligárquicos o Estado militar dos primeiros anos da República era alvo de muitas críticas por parte da sociedade civil e mesmo daquelas provenientes do corpo militar. Diante da inabilidade política de Deodoro, por exemplo, a Marinha posicionou-se contra ele, ganhando aliados vindos do corpo de jovens oficiais do Exército -ligados a Floriano- quando Deodoro fechou o Congresso em 3 de novembro de 1891. Em 1893, no decorrer da Revolução Federalista, a Marinha mais uma vez tornou-se local de contestação, envolvendo-se agora com os federalistas revoltosos, ambos lutando contra o florianismo. Desde a implantação da República ocorrera uma cisão no seio das Forças Armadas, pois a Marinha "(...) não participara das articulações que conduziram à queda do regime em 1889. Uma vez instalada a República, não assumiu uma posição dirigente, tal como o Exército(...)". (PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Revolução Federalista**. São Paulo : Brasiliense, 1983, p.92. Coleção Tudo é História, n.80).

<sup>48</sup> Depoimento de Rodolfo Lopes da Cruz. BANDEIRA, Glaucio. p,12.

Amortecendo o decepcionamento pela profissão gorada, a hecatombe de Canudos nos trouxe súbita vibração a dois ideais, que sempre nos exaltaram: a brasilidade e o republicanismo.(...).<sup>49</sup>

Mais uma vez, como um disciplinado jacobinista, Euclides Bandeira interpretou a revolta ocorrida em Canudos como uma insubordinação monarquista no sertão baiano e, por consequência, uma ameaça à República nacional. Nesse momento "(...) *Canudos toma perigosa coloração: os monarquistas estariam influenciando aquela horda de jagunços. Restauração e Antônio Conselheiro tornam-se sinônimos*(...).<sup>50</sup>

A paradoxal adaptação da doutrina comtiana feita pelos militares positivistas identificava, como já foi dito, a organização política monárquica à fase teológico-militar a ser superada quando da instalação do regime republicano, como a fase positiva da humanidade.

Para os positivistas o progresso de uma nação deveria basear-se fundamentalmente no desenvolvimento da ciência e da indústria, por representarem a fase mais acabada da história da inteligência humana. De acordo com a "lei dos três estados", desenvolvida por Comte em seu texto "Curso de filosofia positiva", o estado positivo seria justamente a superação do estado teológico e do estado metafísico, respectivamente primeira e segunda idades do espírito humano. A ciência somente concretiza-se no estado positivo, pois esta idade da inteligência humana "(...) **renuncia a procurar a**

<sup>49</sup> Depoimento de Euclides Bandeira. PILOTTO, Valfrido. *Páginas*, ... p.60-61.

<sup>50</sup> QUEIROZ, *Os radicais...*, p.45.

origem e o destino do universo e a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para se empenhar unicamente em descobrir, pelo uso bem combinado do raciocínio e da observação, as suas leis efectivas(..)".<sup>51</sup>

Aptos a pensarem por si mesmos, sem a tutela da religião e somente a partir do raciocínio e da observação, os homens desses "tempos modernos"<sup>52</sup> - livre-pensadores, positivistas, evolucionista, etc., - carregam consigo a idéia de progresso. Um dos principais vetores do progresso, a ciência, deveria tomar de assalto o espaço destinado aqueles "homens anacrônicos", em tudo opostos aos "homens modernos": os clérigos. Além de representarem, para esses "homens dos tempos modernos", os estados da inteligência humana a serem superados, os clérigos nada contribuiriam para o desenvolvimento da nação, pois a prática do celibatarismo impede a formação de núcleos familiares, mediadores entre a nação e a humanidade.

Graças ao celibato o sacerdote não tem patria senão Roma; não tem família senão a igreja. Um verdadeiro clérigo catholico não pode ser bom patriota, nem bom cidadão.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> COMTE, August. *Curso de filosofia positiva*, Primeira Lição. *apud* BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Portugal : Publicações Europa-América, 1983. p.52. Coleção Forum da História.

<sup>52</sup> Considero os "tempos modernos" o período denominado pelo historiador Eric J. Hobsbawm como " a era dos impérios", entre 1875 e 1914, ou o "longo século XIX". Século dos nacionalismos, da invenção da fotografia, das certezas científicas, do triunfo da versão liberal burguesa. (HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios*, 1875-1914. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988).

<sup>53</sup> BANDEIRA, Euclides. *A mulher e o romanismo*, p.10

Antes mesmo de Euclides Bandeira ter se recuperado do insucesso na carreira militar, fazendo concurso para ingressar como funcionário dos Correios, o literato Albino Silva afiava sua pena de escrever contra os avanços do clericalismo em Curitiba.

Tem sido notável entre nós, de uns tempos para cá, a faina de certos espíritos na propaganda de tudo que diz respeito aos interesses do catolicismo. Após a criação de um bispado e a instalação da nova diocese, veio a idéia de um seminário para o qual indebitamente e contra preceito institucional, o Congresso do Estado votou uma lei de patrimônio.<sup>54</sup>

Existia, nas novas dioceses criadas durante a Primeira República, um projeto-padrão mínimo a ser cumprido pelo prelado, como: a edificação do palácio episcopal; a criação do seminário diocesano; a construção ou reforma da catedral; e a fundação de colégios e jornais como frentes de atuação da expansão eclesiástica.<sup>55</sup>

A clericalização da sociedade curitibana e, enfim, brasileira, seria obstáculo ao desenvolvimento da república almejado pelos "homens modernos", uma vez que um Estado atrelado ao poder religioso não é um Estado livre, mas atrasado em relação à marcha evolutiva da civilização criada, justamente, pelo binômio progresso\secularização. A civilização ergueria-se somente em espaço nacional republicano laico; última fase da Humanidade que poderia ser apressada somente

<sup>54</sup> SILVA, Albino. Em guarda. IN: **Cenáculo**, n.02, 1896.

<sup>55</sup> MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**. Bertrand Brasil, 1988. (Corpo e alma do Brasil).

pelo homem moderno. Os "homens do século XIII", ou corpo clerical na linguagem anticlerical, era incômoda ao progresso, pois:

(...) ignorantes e boçais, gesticulam dentro de uma obesidade animalesca, pensando assim fazer recuar a marcha assombrosa da civilização do século XX, para o fundo sombrio de 1530 onde Santo Bortolo defendia o suplício do fogo em nome do Evangelho! <sup>56</sup>

#### 1.1.5 LUZ VERSUS TREVA: REATUALIZAÇÃO DE UMA METÁFORA

A metáfora da luz está presente, sem nenhuma exceção, em todos os vocábulos que designam o movimento enciclopedista: Ilustração, Iluminismo, Esclarecimento, Avklärung, Lumières, Enlightenment. De fato, a Ilustração queria iluminar o mundo, expulsar o poder ilegítimo do covil tenebroso em que ele se escondia, livrar o homem do préjugé, escuridão da inteligência, e para isso martelava incessantemente o grande simbolismo da luz e da treva." <sup>57</sup>

A preocupação dos "homens modernos" frente à ameaça da clericalização da sociedade curitibana, republicana e laica, acrescentou mais uma faceta a esses homens do século XIX - a face anticlerical-, reatualizando uma metáfora: a batalha da

<sup>56</sup> PERNETTA, Júlio. Prefácio. IN: BANDEIRA, Euclides. *Heréticos*, p. 08.

<sup>57</sup> ROUANET, As minas iluminadas..., p.332.

luz e da treva.

Segundo Rouanet, o projeto civilizatório da modernidade elaborado no Século das Luzes tem como principais elementos os conceitos de universalidade, individualidade e autonomia.

A universalidade significa que ele visa todos os seres humanos, independentemente de suas barreiras nacionais, étnicas ou culturais. A individualidade significa que esses seres humanos são considerados como pessoas concretas e não como integrantes de uma coletividade e que se atribui valor ético positivo à sua crescente individualização. A autonomia significa que esses seres humanos individualizados são aptos a pensarem por si mesmos, sem a tutela da religião ou da ideologia(...)"<sup>58</sup>

Filtrados pela preocupação maior da formação da nação republicana brasileira percebe-se que esses conceitos da civilização moderna giravam, no contexto da formação do anticlericalismo em Curitiba, em torno de um eixo principal: a razão esclarecedora contra a treva do obscurantismo. Os anticlericais curitibanos, "homens modernos" herdeiros da "língua ilustrada", selecionaram a autonomia intelectual como elemento principal de sua "palavra ilustrada". A respeito desse conceito de autonomia intelectual é esclarecedor um trecho do texto citado de Rouanet, apesar de longo.

A autonomia intelectual estava no cerne do projeto civilizatório da Ilustração. O objetivo básico era libertar a razão do preconceito,(...) Até então, a inteligência humana tinha sido tutelada pela autoridade, religiosa ou secular. Durante milênios, portanto, o gênero humano tinha vivido em estado de minoridade. Tratava-se agora de sacudir todos os jugos

58 ..... Iluminismo ou barbárie, p.09.



que tolham a liberdade de pensar, de desprender a razão de todas as custódias, de aceder e promover o acesso à condição adulta. Era importante, para isso, criticar a religião, principal responsável pela paralisação da inteligência, e em geral todas as idéias que pretendessem substituir as igrejas em seu papel de infantilização do homem.(...) Donde a importância da ciência, que substituía o dogma pelo saber, ou, para usar metáforas da época, que dissipava com a luz da verdade as quimeras e fantasias da superstição." 59

Na virada do século toda uma falange anticlerical colocou a pena de escrever a serviço da razão emancipadora e, apesar de não condenar a religião em si, fez surgir o movimento anticlerical e sua luta contra a influência dela nas esferas pública e privada, agitando a sociedade curitibana da época.

(...) Não obstante todas essas calumnias, todos esses montões de jornaes e de livros anti-clericaes, não obstante esses ataques, na apparencia, formidaveis contra o sacerdocio romano, os templos catholicos continuam cheios(..).60

Verdadeira batalha, instituiu-se uma tensão entre movimento anticlerical e corpo clerical em Curitiba na virada do século. A verve anticlerical da mocidade livre-pensadora curitibana passou a vibrar em artigos explosivos contrários ao clero, enquanto esse expandia o projeto eclesiástico.

Baseado na liberdade de agir, pensar e julgar o anticlericalismo, enquanto uma das manifestações do livre-pensamento, abominava aqueles que abrissem mão dessa liberdade

---

59 *Ibidem*, p.16

60 Experimentem outra arma. In: ESTRELLA n.163, p01 .

e se deixassem mover por simulações teatrais, como a missa, as procissões.

A razão emancipadora alimenta-se de espontaneidade e, desde a Revolução Francesa, boa parte da humanidade não é mais obrigada a presenciar o teatro encenado, em suas ações mínimas cotidianas, pelas autoridades que compunham o cenário do Antigo Regime.<sup>61</sup> Por que, então, um "ambiente inquisitorial", como aquele criado por Euclides Bandeira em sua poesia que abre esse capítulo, teima em mostrar-se atuante com suas "roldanas, açoutes e ferros em brasa" contra aqueles que se guiam pela luz da razão, "cortando-lhes a carne" e "estilhaçando-os o crâneo" ? Basta! Disseram os anticlericais curitibanos.

---

<sup>61</sup> RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo : Brasiliense, 1983. (Tudo é História, n.69).

## 2 MOVIMENTO ANTICLERICAL: EM BUSCA DA AUTONOMIA INTELECTUAL

*Padres! eu vos detesto! A vida ecclesiastica  
Tem um mysterio atroz que infunde pasmo e nojo!  
Como Janus do mytho ébifronte...sarcastica  
- Uma face cordura, outra deboche e arrojo.*

*Aquella vemos quando andaes, ahi de rojo,  
Tufados de lamuria e de uma uncção phantastica  
Porem esta occultaes aos profanos, no bojo  
Da batina - o covil da cosciencia elastica...*

*Mas, embalde! O que sois já todo mundo o sabe!  
Fez-se a luz, afinal!...Vossa adiposa e fatua  
Divindade estertora e morre dia á dia...*

*Ah! mas antes que a pingue associação se acabe,  
Escolhei um de vós para -tornado estatua-  
Ficar symbolizando...a santa Hypocrisia! ! <sup>1</sup>*

### 2.1 LIVRE-PENSAMENTO

Diz a lenda, contada por Euclides Bandeira em um artigo de 1902 que, ao conceber o primeiro tipo impresso, Gutemberg desmaiou e ouviu duas vozes, cada uma delas dando uma versão diferente sobre o impacto de sua maravilhosa invenção.

(...) Guttemberg, ao imprimir a primeira letra no seo prelo rudimentar, rolou desfallecido sobre um escabello e, como si fôra em sonho, ouviu duas vozes desconhecidas: uma exultava-o pela luz que elle acabava de crear, luz que se difundiria pelo Universo inteiro resplendorando idéias e pensamentos, então mudos e incomprehendidos, claras e multiplos mais tarde, atravez o seo genial invento.

<sup>1</sup> BANDEIRA, Euclides. Padrephobia. In:..... Heréticos, p.15-16.

Essa voz calou-se depois de proclamar-o immortal.  
 A outra fez-se ouvir: Sim, João, és immortal; mas porque preço! As idéias do teo semelhante serão acaso sempre puras e santas para que mereçam ser expostas aos olhos e ouvidos de todo genero humano. Não ha muitas, e talvez o maior numero, que merecem antes ser mil vezes suffocadas que repetidas e multiplicadas por todo o mundo. O homem é a mais das vezes perverso, e por isso, profanará o dom que lhe conferes; abusará do novo sentido com o que dotaste. D'aqui a um seculo em vez de te abençoar, ha de amaldiçoar-te. Homens nascerão cujo espirito será altíssimo e seductor, mas de coração perverso e corrompido; sem ti jazeriam na obscuridade, limitados a um breve circuito; não seriam nocivos senão aos seus contemporaneos e à sua época; mas com o teo invento communicarão o seu espirito virtiginoso, a desgraça e o crime a todos os homens e a todas as idades!

E acrescentou:

Jamais lenda alguma traçou seguro vaticinio!  
 Parece mesmo que um espirito clarividente concebeo o antevendo no Futuro, em nossos tempos, o clero conspurcando a pulcherrima invenção de Guttemberg (...).<sup>2</sup>

Esse texto riquíssimo de Euclides Bandeira foi escrito como resposta à uma notícia veiculada no periódico "A Tarde", em janeiro de 1902 que anunciava:

Chegou da Europa com destino a redação da Estrella uma completissimo typografia, aquisição feita na Alemanha pelos reverendo padres franciscanos.<sup>3</sup>

A "Estrella"<sup>4</sup> tinha como colaboradores de redação os

<sup>2</sup> BANDEIRA, Euclides. Imprensa maldicta. In: *Electra*. n.07, 1902. *Electra*, Jornal da Liga Anticlerical Paranaense, circulou entre agosto de 1901 até 1903. Quando da sua criação a comissão redatora era formada por Generoso Borges, Ismael Martins, Euclides Bandeira e Leite Jr.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> *Estrella*, órgão Católico, Científico; Literário e Noticioso foi fundado em 1898 durante o primeiro bispado de Curitiba e representava a imprensa católica da cidade. Circulou até 1905 quando fechou por motivos de ordem financeira.

padres franciscanos do Seminário Episcopal e os padres lazaristas. Seu papel na imprensa e sociedade curitibanas foi esclarecido na "Carta Pastoral" do bispo da Diocese de Curitiba<sup>5</sup>, Dom José de Camargo Barros, cujo tema era "imprensa católica", e que foi publicada no quarto número do periódico.

(...) a imprensa religiosa leva ao seio das famílias o ensino das verdades católicas, faz na praça, no café, na loja, na oficina, no restaurante, no comboio, no vapor, por toda a parte, o que o orador sagrado faz no templo.<sup>6</sup>

O historiador italiano Carlo Ginzburg, ao estudar o cotidiano de um moleiro do século XVI, perseguido pela Inquisição, já demonstrou bem o impacto que a imprensa e a Reforma representaram:

(...) rupturas gigantescas determinadas pelo fim do monopólio dos letrados sobre a cultura escrita e do monopólio dos clérigos sobre as questões religiosas (...).<sup>7</sup>

Sendo a palavra impressa, desde então, cada vez mais patrimônio comum da cultura escrita, popular ou erudita, ela tornou-se motor gerador de falas múltiplas, plurais, revelando pontos de vista e representações de mundo também múltiplas e plurais.

<sup>5</sup> A Diocese de Curitiba foi instalada pela Bula *Ad universas orbis ecclesias*, do papa João XIII no ano de 1692. Seu primeiro bispo foi Dom José de Camargo Barros, entre 1694 e 1904, que havia sido aluno no Seminário Episcopal de São Paulo.

<sup>6</sup> Carta Pastoral do bispo da Diocese de Curitiba. In: *Estrella*. n.04, 1898.

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

Na jovem república brasileira a imprensa era eficiente veículo de penetração social<sup>8</sup> e, por essa razão, sua utilização significava uma disputa acirrada entre diferentes grupos sociais pela circulação de suas respectivas representações de mundo.

Para Euclides Bandeira, o clero conspurcava a imprensa ao utilizá-la como meio de propagação dos dogmas religiosos; para o clero do periódico católico, moços como Euclides Bandeira utilizavam a imprensa como meio de esconder sua "vagabundagem".

(...) rapazolas de *soeuvrés*, que para fugirem às vistas da polícia e para não serem tomados por verdadeiros vagabundos, encostam-se à uma redação qualquer de jornal; chegam mesmo a fundar um periódico, ainda que dure alguns dias, para dizerem que têm a profissão de fazer litteratice (...)<sup>9</sup>

A luta contra a romanização da sociedade nacional republicana e laica exigiu dos moços anticlericais curitibanos, em sua maioria formada por profissionais liberais, uma grande produção escrita. A partir de 1896 inúmeras folhas volantes giram cheias de artigos anticlericais, combatendo a invasão do clero também na esfera da vida privada, visto a preocupação em torno da educação dos jovens e da freqüência das mulheres aos espaços sagrados, principalmente ao confessionário.

<sup>8</sup> SEVCENKO, *Literatura*,... p.172-173.

<sup>9</sup> *Estrella*. n.02, 1904.

É dever de todo aquele que se preza de possuir uma pena - de aço ou de ouro - que importa - mostrar e demonstrar ao povo ingênuo e crédulo a impropriedade do ensino religioso, a falsidade das doutrinas da Igreja romana, a esterilização do seu dogmatismo. <sup>10</sup>

Segundo a produção impressa clerical, no entanto, o perigo advindo de falsas doutrinas tinha outras origens e outros locais de reprodução.

O perigo social que ameaça a sociedade está nas teorias subversivas de toda a autoridade e de todo respeito que correm hoje por entre todas as classes sociais; está nesses livros degradantes, nessa imprensa desenfreada que só procura lisonjear as paixões e os interesses; está nessa sede desordenada do gozo que arrasta todas as idades para os prazeres mais vergonhosos. Está também no ensino dos céticos, desses que poem tudo em dúvida, entregando deste modo o homem a todas as incertezas, irresoluções e cansaço moral da dúvida; está nesses maus romances e dramas que metem a virtude a ridículo, mofam da santidade do casamento, e atiram com a vida da família e com as justas severidades do lar doméstico à irrisão de uma multidão desatinada, que nem sequer suspeita que é de si própria que ela se ri; está nestas atrevidas negações de todo o direito, de todo o dever, e nessas teorias usurárias que põem o pobre e o fraco a mercê do ávido e do ambicioso; (...)<sup>11</sup>

Assim, para a imprensa clerical de Curitiba, não só a produção escrita anticlerical seria responsável pela desclericalização da sociedade curitibana, mas todo o universo cultural que rodeia o homem moderno, tornando sagrados outros ideais vindos dos romances, das teorias científicas e econômicas. Essa "cultura degradante" estimularia a ação de questionar, de duvidar das leis divinas, colocando a liberdade

<sup>10</sup> VELLOZO, Dario. A imprensa e o clero. In: *O Cenáculo*. n.02, 1896.

<sup>11</sup> *Estrella*. n.157, p.01, 1901.

e o pensamento individual e autônomo como bens supremos.<sup>12</sup>

Para o corpo clerical os intelectuais, no geral, eram agentes desviantes, pois transformavam a liberdade em anarquia; o mundo visível, pelas experimentações científicas; a criação humana, pela biologia evolucionista. Esses seres desviantes eram criados em espaços também desviantes.

N'esses antros tenebrosos onde predomina o mais negro mistério, reúnem-se eles alta noite, semelhante às aves agourentas, para ali, sob a prática de cerimônias ridículas e ritos grotescos, planejarem seus ataques furibundos contra a inabalável Igreja Católica. Ali bebe inspiração o escritor pornográfico, ali o pasquineiro sectário cogita a mentira infame com que procura achincalhar a Igreja e o Clero, ali, enfim, planeja-se o apedrejamento dos conventos, e adestram-se tão valentes atletas no manejo do bacamarte ainda fumegante da última vítima, ou do punhal homicida ainda tinto de sangue(...)<sup>13</sup>

Facilmente, o clero relacionou o movimento anticlerical com a maçonaria, ao usar termos como "antros tenebrosos", "ritos grotescos" e "práticas de cerimônias ridículas". Isso porque Dario Vellozo, Nilo Cairo, Sebastião Paraná, Euclides Bandeira e outros livre-pensadores e anticlericais pertenciam

---

<sup>12</sup> Dos "livros subversivos", o romance foi, justamente, o principal responsável pelo processo de substituição da "(...) visão unificada de mundo da Idade Média por outra muito diferente, que nos apresenta essencialmente um conjunto em evolução, mas sem planejamento, de indivíduos particulares vivendo experiências particulares em épocas e lugares particulares".(WATT, Ian. *A ascensão do romance*; estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo : Companhia das Letras, 1990. p.30).

<sup>13</sup> *Estrellita*. n.194, 1901.



à ordem maçônica. <sup>14</sup>

No Brasil, a historiografia relaciona a presença da maçonaria junto aos movimentos revolucionários coloniais contra a metrópole e, mais tarde, apoiando o processo de independência, sempre em defesa dos princípios liberais, do republicanismo e contra a monarquia. <sup>15</sup>

Para os anticlericais de Curitiba, pertencer à ordem maçônica era justamente propugnar pelo liberalismo, especificamente na manifestação da livre consciência, justificando, ao mesmo tempo, a necessidade da maçonaria no mundo moderno.

A maçonaria teve e tem razão de ser enquanto no mundo existir um inimigo do progresso, um atrofiador das consciências. A sua missão gloriosa é altamente significativa, pois ela trabalha com toda a pujança hercúlea, em prol de uma grande e nobilitante causa, que é: - a liberdade de consciência- o esclarecimento do povo e o combate leal aos emissários das trevas, os satânicos discípulos do tristemente célebre Inácio de Loyola, que querem implantar a todo transe, em pleno século XX, o domínio inquisitorial de outrora(...)<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Em 1902 funcionavam, em Curitiba, as seguintes lojas maçônicas (ELECTRA. n.13 1902).

- Fraternidade Paranaense; Luz Invisível; e Unione e Fratelanza, pertencentes ao Grande Oriente do Brasil;- Acácia Paranaense; Filhas da Acácia; Apóstolo da Caridade; Luz Invisível; e Electra, do Grande Oriente do Brasil.

Euclides Bandeira e demais anticlericais maçons produziram algumas revistas culturais ligadas ao pensamento maçônico, como: Esphynges(1899-1906); Jerusalém(1898-1902); Ramo de Acácia, órgão da Maçonaria Paranaense(1908-1912).

<sup>15</sup> MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em perspectiva*. São Paulo : Difel, 1982; HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.) *História Geral da civilização brasileira*. São Paulo : v.01. Difel.

<sup>16</sup> ESPHYNGE. n.02, p.156, 1906.

A busca pela emancipação do homem moderno levada adiante pela cruzada iluminista evidenciava no movimento anticlerical curitibano a defesa da liberdade de consciência. Esta tornou-se, mesmo, um sacramento para os anticlericais, inclusive adorado publicamente no dia 9 de março de 1902, quando do primeiro "*Meeting Anticlerical*" realizado no Passeio Público de Curitiba.<sup>17</sup>

(...) A luta anticlerical aberta há tempos, e que vinha, soberbamente febril, clarinando guerras pelos panfletos, livros, jornais, pelas revistas e pela tribuna, teve a sua verdadeira consagração nesse inolvidável comício realizado com o poderoso concurso de pessoas, de todas as classes sociais, conscientes de suas idéias, inabaláveis nas suas convicções. (...) Sem os reclamos estardalhaçantes com que o clero costuma reunir o seu rebanho de Panúrgio, sem as pirotécnicas ostentações espetaculosas com que ele costuma exhibir-se, avisados apenas por uma ligeira notícia, os anticlericais e livre-pensadores do Paraná afluíram, em elevadíssimo número ao Passeio Público formando uma multidão entusiasta que fremia à voz sincera dos oradores(...)<sup>18</sup>

O objetivo desse encontro era justamente protestar contra o estrangulamento do ideal de liberdade individual.

Como atestado portentoso do avanço anticlerical no Paraná, há de ficar, vibrando sempre, - marsehesa de sol - o meeting realizado à 9 de março de 1902 no Passeio Público de Curitiba. Eloquentíssima prova porque foi pela primeira vez que na praça pública os anticlericais e os livre-pensadores do Paraná, com a serenidade olímpica dos convictos congregaram-se para

<sup>17</sup> O Passeio Público de Curitiba (também chamado na época de Jardim Botânico) foi construído em 1886 como espaço de lazer.

<sup>18</sup> MARTINS, Ismael; BANDEIRA, Euclides; BORGES, Generoso; SCHNEIDER, Antonio & DAMIANI, Gigi. Meeting anticlerical. In: *Electra*. n.08, 1902.

apotesear o ideal sacratíssimo da liberdade de consciência e erguer bem alto o seu protesto contra os que procuram estrangular esse ideal.<sup>19</sup>

Quatro anos mais tarde, em 1906, um artigo na revista maçônica curitibana "Esphyngue" ainda lembrava o episódio da Revolta da Vacina, mostrando como a liberdade de consciência era constantemente ameaçada, não só pelo clero, mas também pelo poder civil.

Ocorrida em novembro de 1894 na capital federal como reação à obrigatoriedade da vacina contra a varíola, a revolta revelou um certo descontentamento de alguns setores sociais com os rumos dados à jovem República. O governo federal do paulista Rodrigues Alves, ao dar caráter compulsório à vacinação, foi de encontro ao princípio fundamental da liberdade de consciência.<sup>20</sup>

Não precisamos ir longe: aqui mesmo no nosso futuroso Brasil, onde poderes públicos oprimem o povo com leis absurdas que visam cercear-lhe a liberdade, a maçonaria aparece ao lado dos oprimidos trabalhando pelo seu puríssimo ideal. Ontem foi o seu poderoso grão-mestre, o impoluto Dr. Lauro Sodré, que surgia na arena do dever, batendo-se pelo direito do povo, derramando seu generoso sangue, que apagou a iníqua lei da vacina obrigatória. O povo triunfou vendo seu lar respeitado e a sua liberdade inviolada; e com ele a maçonaria alcançava mais uma vitória(...) <sup>21</sup>

Apesar do descontentamento dos livre-pensadores para

<sup>19</sup> Ibidem

<sup>20</sup> SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina;** mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo : Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História, n.89).

<sup>21</sup> **Esphyngue**, n.02, p.159, 1906.

com os rumos do poder público a ameaça maior ao regime republicano e à sua consolidação, do ponto de vista dos anticlericais, estava representada pelos "discípulos de Loyola".

"Discípulos de Loyola", para os anticlericais, não era adjetivo somente aplicado aos membros da Companhia de Jesus, mas aos membros de toda e qualquer ordem religiosa. Em sua maior parte estabelecidas no Brasil a partir da virada do século<sup>22</sup>, essas ordens eram consideradas inimigas da pátria, na medida em que sua presença era vista como uma agressão à soberania. O clero nacional, principalmente o mais novo, também era visto como inimigo da república brasileira, pois apoiava a superposição do catolicismo romano ao nacional, através do processo de romanização, ou controle das Igrejas Católicas nacionais pelo Vaticano, que se estendeu do papado de Pio IX (1846-1878) até a Primeira Guerra Mundial.

(...) Os discipulos de Loyola, mal ocultos por uma batina, disfarçada em casaca, - Judas da Liberdade - bem os vemos prontos para trair a República. Ah! a Liberdade é a tortura do jesuíta; a República é a luz devassando os claustros (...) Embora a mocidade ronde, altiva e ardente, os horizontes da Pátria, procurando guardá-la dos ataques pérfidos dos seus inimigos, se faz mister temer o dia de amanhã. <sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Dentre as várias ordens religiosas que vieram para o Brasil entre o final do século XIX e início do XX sobressaem os jesuítas, reabilitados, os maristas e os salesianos, as quais foram criadas especialmente para o trabalho missionário de renovação do catolicismo frente ao mundo moderno.

<sup>23</sup> *Electra*, n.04, 1901. *ELECTRA, Jornal da Liga Anticlerical Paranaense*, circulou entre agosto de 1901 até 1903. Quando da sua criação a comissão redatora era formada por Generoso Borges, Ismael Martins, Euclides Bandeira e Leite Jr.

Os jesuítas, porém, eram o principal alvo, visto que foram os primeiros a chegar em território brasileiro em 1549, convertendo os índios e fundando os primeiros colégios. A crítica do anticlericalismo ao jesuitismo fundamentava-se nessa estreita relação entre religião e estado (no caso o estado lusitano) e dimensionou-se de tal forma quando da instalação da República Brasileira que, ao abranger também as demais ordens religiosas tornou o termo "jesuitismo" a tradução para "modo de vida religioso".

Se aos anticlericais de Curitiba não importavam as diferenças teológicas entre as diversas ordens religiosas vindas para o Brasil, importavam sim as posturas que eram universais entre elas -como o celibato- e condenadas pelo anticlericalismo. As ordens religiosas ainda tinham em comum o fato de serem estrangeiras e, a isso, já somado ao seu isolamento social pelo celibato, juntava-se seu desligamento à uma pátria. Duas graves ausências separavam os clérigos do homem moderno: a família e a pátria.

Somos anticlericais: porque os padres são inimigos da família, pois instituem o celibato(...) medida imoral e antihigiênica, visto como não podendo constituir família legítima, constituem-na por meios anti-sociais - a mancebia. <sup>24</sup>

Se o celibato instigava nos religiosos a prática da mancebia, nas religiosas era motivo de pena por parte da sociedade letrada laica que, inspirada na filosofia

---

<sup>24</sup> CARNEIRO, Cícero. Porque... In: **A VANGUARDA**. n.01, 1905.

positivista, defendia a mulher como esposa e mãe, responsável pela educação dos futuros patriotas.

A renúncia ao mundo, aos bens terrenos e à própria condição feminina- negação dos deleites da mãe e da esposa que caracterizava a opção religiosa- choca a sociedade da época(...)<sup>25</sup>

Em seu texto "Derrocada Ultramontana", publicado em 1905, Dario Vellozo havia interpretado o jesuitismo como movimento religioso criado para cercear o surto da Reforma.

Do combate ao movimento da Reforma, passando pelo "ódio" à Revolução Francesa de caráter liberal-democrático os jesuítas representavam simplesmente o reacionarismo -como contra-ideologia do progresso científico e moral- frente ao mundo moderno.

De fato, institucionalizada no contexto da reforma da Igreja Católica contra os progressos do protestantismo, a Companhia de Jesus atuou como principal propagadora dos ideais do cristianismo tridentino. A reafirmação dos dogmas combatidos pelos protestantes, a valorização dos sacramentos, a obrigatoriedade do celibato como uma das formas de combater a indisciplina clerical e a afirmação da crença no purgatório foram os temas centrais deliberados no Concílio de Trento, aberto em 1545, a partir de então tornados métodos de atuação da Companhia de Jesus nos confessionários, missões e colégios, academias e universidades.

---

<sup>25</sup> TRINDADE, Etelvina de Castro. **Clotildes ou Marias**; mulheres de Curitiba na Primeira República. São Paulo, 1992. Tese de Doutorado, USP. p.46.

A atuação inaciana tinha dimensão universal, pois os "soldados de Deus" estavam presentes desde a Ásia até a América.

Qualquer um que, na nossa Companhia, que desejamos seja assinalada com o nome de Jesus, quiser militar como soldado de Deus, debaixo da bandeira da cruz e servir ao único Senhor e ao Romano Pontífice, Vigário seu na terra, depois de fazer voto solene de castidade perpétua, assente comigo que é membro de uma Companhia, sobretudo fundado para, de um modo principal, procurar o proveito das almas, na vida e doutrina cristã, propagar a fé, pela pública pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade, e, nomeadamente, ensinar aos meninos rudes as verdades do cristianismo, e consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão; e tratar de ter sempre dos olhos primeiro a Deus. <sup>26</sup>

Justamente essa universalidade assustava os anticlericais de Curitiba, interpretando-a, nesse momento da instalação da República, como um desenraizamento, um desapego aos ideais de pátria e nacionalidade.

A batalha que esses jovens escritores republicanos como Euclides Bandeira assumem, adotando uma postura anticlerical, foi tomando contornos bem definidos através da palavra escrita. No primeiro número da revista "Electra", estão expostos seus inimigos:

Electra não necessita de expôr o seu programa por estar este bem patente, desde que é órgão de uma liga anticlerical o obscuro periódico que ora vem ocupar um posto de combate na jornalismo paranaense. Apenas - como aviso preventivo - declaramos que Electra guerreará princípios e não pessoas, e não descera jamais a medir armas com adversários que tragam à face a máscara de

---

<sup>26</sup> SEBE, José Carlos. Os jesuítas. São Paulo : Brasiliense, 1982. p.36. (Coleção Tudo é História-n.57).

lama do anonimato.

Os seus ataques serão francos, à luz meridiana, e em prol de todos os ideais enfeixados no ciclo luminoso do liberalismo, contra reacionários, ultramontanos, jesuitismo dissolvente, clericalismo rasteiro, contra enfim, todos os inimigos da Razão, da Ciência, do Progresso, da Justiça, da Caridade, da Liberdade, da Família, da Pátria e da Humanidade (...)<sup>27</sup>

A escrita anticlerical foi muito intensa a partir de 1901, quando da fundação da "Liga Anticlerical Paranaense", que editava trabalhos de peso de autores vindos da comissão redatora da revista *Electra*. Esta publicação mantinha Curitiba e o Paraná informados sobre o andamento do anticlericalismo tanto nos outros estados do Brasil como no exterior. A sessão "Locais" trazia as últimas notícias sobre a expulsão de jesuítas de vários países, como a França, Itália, Espanha, Alsácia e República Platinas. E o medo de que viessem para a República Brasileira intensificou a produção da escrita anticlerical paranaense do começo do século.<sup>28</sup>

Telegramas para a imprensa desta capital deram a magnífica notícia de haver grande movimento anticlerical na Itália a fim de evitar a invasão de frades corridos de França e da Espanha. Aderiram a esse movimento 26 sociedades que promovem *meetings*.

Telegramas anteriores disseram-nos que as progressistas Repúblicas Platinas também não querem essas aves de arribação; que rumo tomarão elas, pois enxotadas de toda parte como urubus agorentos.

Lembrar-se-ão de nossa Pátria. É bem possível: a República brasileira tem representante junto ao vaticano! Pobre República! Que será de ti, ó Pátria!<sup>29</sup>

<sup>27</sup> *Electra*. n.01, 1902.

<sup>28</sup> Entre 1901 e 1902 *Electra* noticia o surgimento de outras Ligas Anticlericais no Paraná: Rio Negro, Prudentópolis e Guarapuava.

<sup>29</sup> *Electra*. n.01, 1901.



Já em 1862 alguns liberais paulistas, como Tavares Bastos e Pereira Barreto, chamavam a atenção contra o que eles consideravam avanços do clericalismo, oferecendo as verdades científicas do século XIX como arma de defesa contra os dogmas católicos.<sup>30</sup> Em 1864, justamente, o papa Pio IX inseria em sua encíclica *Quanta cura* oitenta proposições condenando o mundo moderno, as quais formaram um conjunto denominado *Syllabus errorum*. Decretava-se, ainda, no Concílio Vaticano de 1870, o dogma da infalibilidade papal.

O dogma da infalibilidade papal vai ser interpretado pelos liberais como uma ameaça ao desenvolvimento individual e autônomo do homem moderno, além de reforçar e fazer avançar um passo em direção a infantilização, ou anulação da vontade do ser, conceituada por eles com o termo "jesuitismo".

A resposta da Igreja Católica ao desencantamento com a orientação religiosa ensaiado desde a Ilustração e a Revolução Francesa foi o desenvolvimento do ultramontanismo.<sup>31</sup> Tendo como referência a supremacia do Papa, a reação católica buscava recolocar suas doutrinas e práticas como guias substitutos das filosofias modernas.

---

<sup>30</sup> MARCHI, Euclides. *A Igreja e a questão social; o discurso e a práxis do Catolicismo no Brasil (1850-1915)*. São Paulo, 1969. Tese (Doutorado em História)-Departamento de História, Universidade de São Paulo.

<sup>31</sup> O termo "Ultramontanismo" refere-se ao catolicismo implantado no reinado de Pio IX ao combater o mundo moderno e suas filosofias materialistas. Como a Cúria Romana localiza-se além do Alpes(além da montanha) a reforma católica era expressada por esse termo. O ultramontanismo tentou unir ação e doutrinação, exigindo a frequência aos sacramentos e a adesão aos ritos e práticas de devoção que unem o homem ao sobrenatural, alimentando o gosto pelo milagre em oposição ao racionalismo, pregando a essência da vida após a morte, insistindo na multiplicação dos exercícios exteriores e de devoção, substituindo antigas práticas espirituais controladas por leigos, etc.(TRINDADE, p.144)

Os liberais consideravam que o ultramontanismo, usando o *Syllabus errorum* como arma, estava, na verdade, mantendo vivo o jesuitismo e, com isso, condenava e inviabilizava toda e qualquer liberdade, seja política, religiosa, educacional ou de consciência.<sup>32</sup>

A segunda metade do século XIX, porém, ofereceu a ciência como instrumento de compreensão do homem e sua história. Sem a tutela da Igreja, a crença era na capacidade individual do homem, baseada em sua autonomia intelectual, ou liberdade de consciência. O mundo moderno não mais poderia aceitar a ameaça do "jesuitismo"!

"Quando Voltaire disse que era preciso impor silêncio à mentira, a humanidade gemia oprimida sob o jugo tyrânico da monarchia e do clero; mas as verdades philosophicas de sua epocha fizeram surgir para o mundo uma nova era.

As verdades voltairianas não devem ser esquecidas, não obstante as luzes do nosso seculo; porque o jesuitismo jamais desapareceu da face da terra e jamais perderá occasião de estender as suas raizes, de alastrar os seus galhos sorrateiros e damninhos(...)"<sup>33</sup>

Era preciso, portanto, ficar "em guarda", pois os tentáculos do jesuitismo tentavam agarrar-se à Pátria brasileira através do processo ultramontano.

No Brasil, a atuação ultramontana teve o Seminário Episcopal de São Paulo como principal centro irradiador. Organizado nos moldes estabelecidos pelo Concílio de Trento que visou instruir o corpo clerical em sua formação moral e intelectual, objetivando a santidade do clero e garantindo um

---

<sup>32</sup> MARCHI, p.98.

<sup>33</sup> SILVA, Albino. Em guarda. In: *O Cenáculo*. n.02, 1896.

bom acolhimento dos católicos nos espaços sagrados, principalmente no confessional, uma das principais preocupações daquele período.

A essência da reforma consistia em imprimir os traços fundamentais do perfil tridentino ao padre, traduzido em dois aspectos interdependentes: santidade moral e vida reclusa.<sup>34</sup>

No século XIX, o ultramontanismo também visou instruir o corpo clerical em sua formação moral e intelectual. Devido ao fim do padroado e, claro, com a instalação do regime republicano no Brasil, foi possível um maior controle da Igreja nacional pelo Vaticano.

Além do mais, a reforma ultramontana justificava-se, em território brasileiro, pela necessidade de substituir a imagem do clero de então, pois até o final da primeira metade do século XIX, ela era de padres regalistas e negligentes nos costumes, desrespeitando até o voto de castidade.

O Brasil tinha, pelo menos constitucionalmente, desde a separação entre Igreja e Estado, terreno político fértil para levar adiante a discussão sobre as delimitações dos campos de atuação do poder temporal e do poder religioso. A imprensa republicana nacional -como parte importante e decisiva no caminho "rumo ao progresso e à secularização"- vigiava cotidianamente o andamento dessa discussão. Em Curitiba, o jornal "Quinze de novembro", na edição de 18 de fevereiro de

---

<sup>34</sup> MARCHI, p.130.

1890, vendeu alguns milhares de exemplares defendendo a liberdade de cultos, argumentando a partir de dois pontos essenciais: a garantia do progresso e o descompromisso do orçamento público para com assuntos religiosos. Por outro lado, o mesmo artigo apelava para a finalização das obras da matriz de Curitiba que haviam começado antes da separação entre Estado e Igreja, afastando o projeto republicano de um possível ateísmo e mantendo a discussão em torno da delimitação da atuação entre os dois tipos de poder.

Essa discussão suscitaria oposições, durante toda a construção do regime republicano, visto a sutileza das fronteiras entre Estado e Igreja.

A longa convivência entre Estado e Igreja durante os períodos colonial e imperial alimentou o discurso e imagem do Brasil como nação essencialmente católica. Para um anticlerical como Euclides Bandeira, esse discurso passou a soar gratuito no cenário republicano, pois "*(...) Fosse católica a maioria da Nação Brasileira, o trono dos Bragança espedaçado, não teria rolado por terra, porque quem adora a tiara há de beijar o cetro (...)*".<sup>35</sup>

O movimento anticlerical curitibano teria que lutar contra essa imagem que ele mesmo forjara, unindo "tiara e cetro", pois a Proclamação da República não se tornou garantia do distanciamento entre Estado e Igreja e permitiu o desenvolvimento de alianças oligárquicas entre bispos, padres e as elites estaduais.

---

<sup>35</sup> BANDEIRA, Euclides. Religiosidade brasileira. In: *A Reação*. n.01, 1903.

Essa estreita relação entre oligarquias e clero romanizado favoreceu a expansão eclesiástica no Brasil, pois a elite (não somente a representante de Estados hegemônicos política e economicamente) delegou à Igreja vários campos de atuação que poderiam ser seus, como a educação e as festas coletivas. Além disso, o clero local comandava e acompanhava todos os "ritos de passagem" pelos quais passavam os membros dessa elite, como batismo, comunhão, casamento.<sup>36</sup>

Durante a Primeira República, a criação de várias dioceses nas capitais dos Estados reproduziu, assim, a lógica administrativa da oligarquia que dirigia o poder secular. Marginalizados por seu radicalismo que identificava, de forma absoluta, "progresso e secularização", anticlericais como os de Curitiba sonharam e lutaram, com suas penas de escrever, por uma outra República!

---

<sup>36</sup> MICELI, *op.cit.*

## 2.2 AÇOUGUES DA CONSCIÊNCIA\* I: COLÉGIOS CATÓLICOS

*Jamais!...Essa que irrompe, esplendorosamente léva  
De espíritos em flôr, não ficará submissa  
Aos burlões de sotaina, aos farçantes da missa,  
Nas escolas sem Luz, nos mosteiros da Treva!*

*Nunca!...Hozannas, Infancia! Agonia a sedição  
Instrução clerical que se alimenta e ceva  
Da mentira somente e que a Ignorância eleva  
Sob a máscara soez de Sciência postiça!...*

*Seminarios abaixo! Abaixo a fraude, o embuste!  
Avante, Juventude, onnipotente fuste  
Da columna da Patria! Hosannas, ó Templários!*

*Pedreiros do porvir, hereticos vindouros,  
Moços! Tres vezes salve! eu vos atiro louros  
Em nome do Progresso!...Abaixo os seminarios! <sup>37</sup>*

### 2.2.1 EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DO FUTURO DA NAÇÃO

No Brasil, o combate ao ensino confessional católico é o cerne da questão anticlerical e vinha na esteira da construção laica da República, rompendo com a tradição imperial de ensino no exterior ou então em escolas que eram "verdadeiras prisões, sem ar e escuras".<sup>38</sup>

A escola republicana deveria inaugurar no ensino brasileiro a educação moderna, pautada no civismo, no

\* Essa expressão era utilizada pelo anticlerical Júlio Pernetta ao referir-se aos colégios católicos e ao confessionário.

<sup>37</sup> BANDEIRA, Euclides. Ensino religioso. In:.....*Heréticos*, p. 33-34.

<sup>38</sup> CARVALHO, Marta M. Chagas de. *A escola e a república*. São Paulo : Brasiliense, 1989. p.24. Coleção Tudo é História, n.127.

humanismo, na democracia, visando o progresso da Nação e da Humanidade.

O desejo pelo progresso era evidenciado mesmo na arquitetura das escolas construídas pela República, deixando para trás, no passado, aquelas prisões escuras e asfixiantes, construindo prédios claros e amplos de acordo com as modernas práticas de higiene. Em Curitiba, não só as escolas públicas pautavam-se pelos princípios da modernidade científico-filosófica, mas também grande parte das escolas particulares.<sup>39</sup>

Na Curitiba da época, ao visitante que deseje franquear os pórticos de suas escolas e penetrar em seus interiores, será dado contemplar largos corredores iluminados pela luz difusa de altas janelas e o panorama das salas de aula, onde o alinhamento das carteiras obedece às regras indicadas e a uma visível distribuição disciplinar. Nas paredes caiadas e ásperas, ele encontrará mapas, gravuras e os emblemas da ordem republicana. E, enquanto nas escolas dos arrabaldes as salas são estreitas, as distribuições inconvenientes e a luz precária, nas edificações urbanas, os assoalhos de tábua corrida reproduzem o brilho das vitrines dos armários repletos de artefatos que servem ao então preconizado ensino das ciências(...).<sup>40</sup>

As características da arquitetura ampla e iluminada das escolas republicanas dessa Curitiba progressista ressoam de forma específica nos textos anticlericais, onde a luminosidade ofuscava as Trevas da velha ordem. A escola republicana era "*(...) o sinal da diferença que se pretendia instituir entre*

---

<sup>39</sup> TRINDADE, p.16.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p.22

*um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso".<sup>41</sup>*

Para os anticlericais curitibanos estava em jogo o rompimento com o ensino obscurantista do passado, a fim de assegurar a construção da Nação do futuro. Caso contrário, a contaminação do solo republicano e laico pela disseminação do ensino confessional católico, o qual fincou raízes no Brasil com os jesuítas, representaria meio caminho andado para a restauração monárquica. Uma das metas primordiais do governo republicano era alicerçar a educação moderna pois, para o clero, a instrução era a principal estratégia de difusão do catolicismo reformador ultramontano.

Na primeira Carta Pastoral da Diocese de Curitiba a instrução religiosa foi considerada como "*(...) corolário do pensamento de Leão XIII (...) a primeira e mais sentida necessidade desta Diocese e isto só obteremos por meio do Seminário, dos collégios cathólicos, das escolas parochiais, da continua e solida pregação da palavra divina(...)*".<sup>42</sup>

Era evidente, em Curitiba, o sempre crescente número de colégios católicos "*(...) sobretudo após a chegada das congregações religiosas educacionais, a partir de 1895"*<sup>43</sup> ,

<sup>41</sup> CARVALHO, Marta M., p.23.

<sup>42</sup> BARRROS, D. José de Camargo. *Carta Pastoral*; o óbulo diocesano. Curitiba : Imprensa Paranaense, 1896. p.6.

<sup>43</sup> " Quanto às congregações femininas, a primeira a chegar em Curitiba é a dos Santos Anjos, em 1895. Seguem-se as Irmãs de São José(francesas- 1896); as Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus(italianas-1900); as Irmãs da Divina Providência(alemãs-1903); as Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo(polonesas- 1904); as Irmãs de Nossa Senhora de Sion(francesas- 1906); e as das Franciscanas da Sagrada Família(polonesas- 1906), fundando um número aproximado de 23 casas escolares(...)" (Apud TRINDADE, Etelvina, p.19).



tornando-se um sinal de alarme para os anticlericais de que a República estava ameaçada pelo processo ultramontano.

Provado como está que em todos os tempos o clero tem procurado empolgar o ensino para depois assaltar os governos, impondo-se a estes pela influência que exerce sobre uma parte do povo, preparada por ele, (...); conhecido como é que a forma de governo monárquico é a única compatível com a casta clerical, a conclusão lógica que se tira é que no Brasil, (...) prepara terreno para a restauração do trono(...). <sup>44</sup>

As colunas de sustentação da República, segundo Euclides Bandeira, seriam os jovens. Seus "espíritos em flôr" deveriam ser moldados, em nome do progresso da pátria, pelos princípios da ciência. Esta, e somente esta, seria capaz de elucidar, explicar e corrigir os princípios errôneos ensinados pela religião, como o monogenismo, os milagres e as hagiografias. Ao prestar esse serviço, a ciência promoveria o engrandecimento da Pátria e, conseqüentemente, o da Humanidade. Portanto, assim como o imaginário político republicano, a educação também era impregnada pelo positivismo. Ambas - organização política e educação -, convergindo para a fase positiva da Humanidade: a fase científica.

Na escola republicana, então, a luz era vital. Tanto no que concerne às modernas práticas de higiene e arquitetura quanto no que diz respeito ao ensinamento dos modernos sistemas filosóficos, pioneiros do Progresso, como os de Kant,

---

<sup>44</sup> PERNETTA, Júlio. *Os chacaes*. Curitiba : Typ. Econômica, 1898.

Comte, Littré e Spencer.

### 2.2.2. CIÊNCIA E RELIGIÃO

O Livro é o principal fator da verdade. É pelo ensino, é pela escola, é nos bons livros que a infância aprende a Ciência e a Moral, e a mocidade o civismo e as civilizações passadas. A Ciência aniquila o fanatismo, rui a superstição; a Moral fulmina a intolerância e a hipocrisia; o Civismo põe os interesses nacionais acima dos ultramontanos(...)<sup>45</sup>

O que aprender nas escolas republicanas: ciência, moral e civismo; como aprender: em bons livros; que instituição era capaz de prover esse ensino: as escolas cívicas.

A defesa desse conteúdo, método e secularização pelo movimento anticlerical de Curitiba visava restringir a religião católica e seu ensino confessional aos limites da lei republicana. Portanto, apesar de secular, o ensino cívico não pregava o ateísmo, mantendo a influência da educação religiosa somente no que dizia respeito aos costumes, à moral ética. À Igreja, assim, cabia preservar a monogamia no seio das famílias, a imagem da mulher enquanto esposa e mãe, bem como evitar a proliferação de vícios, como a prostituição. Mesmo longe dos templos de ensino confessional a sociedade livre-pensadora não poderia alhear-se dos padrões morais do século XIX.

Compatível, em sua origem histórica, com a moral ética,

---

<sup>45</sup> Nova inquisição. In: *Electra*. n.04, 1901.

a crença religiosa católica deveria adaptar-se às inovações do mundo moderno, harmonizando-se com a ciência e prestando, assim, um benefício para a Humanidade. Se o ensino religioso canalizasse seus aspectos tidos pelos anticlericais como positivos -aqueles referentes aos costumes- seria mais um aliado do progresso. Caso contrário, o ensino religioso permaneceria atado aos seus dogmas, tornando-se incompatível com a liberdade de consciência e o individualismo.

Aliado à ciência e à moral, o civismo completaria o tripé da educação progressista. O amor à Pátria deveria ser ensinado aos jovens, pois como "pedreiros do futuro" serão os responsáveis pelo desenvolvimento da pátria perfeita, aquela que *"(...) é a mediação necessária entre a família e a humanidade, é a mediação necessária para o desenvolvimento do instinto social"*.<sup>46</sup>

Ciência, moral e civismo, no entanto, para o corpo clerical de Curitiba, em tensão com os livre-pensadores e anticlericais, tinham outros significados. Segundo o periódico católico *Estrella* o ensino religioso transmitiria, por si só, a verdade primordial, pois é a religião católica a ciência que ensina a todos, sem qualquer distinção, a origem humana, sua missão na Terra, seu comportamento e seu fim. Assim, foi a religião católica que civilizou a sociedade moderna, protegendo-a, aliviando sua dor e seu sofrimento e guiando-a corretamente no caminho da verdade.

Em segundo lugar, o ensino religioso católico seria a

<sup>46</sup> CARVALHO, A *formação...*, p.22.

garantia da educação moral, encaminhando os povos para a felicidade e bem-estar, não admitindo outro tipo de moral que não a religiosa católica.

Virá substituí-la a moral materialista? Ah! Que impressão desagradável produziu em meu espírito a simples associação desses dois termos, como se fossem inconciliáveis, como se repelisses obstinadamente. E repelem-se de fato, porque moral e material são coisas essencialmente diversas que nem os artificios diabólicos conseguirão jamais ligar(...). 47

Finalmente, distante da doutrina positivista, o ensino católico não pregaria o civismo, mas a união de todos os povos sob o manto da Igreja Romana, resguardando o nome de DEUS da filosofia da HUMANIDADE e de outras filosofias materialistas.<sup>48</sup>

A Igreja católica, ainda segundo as reflexões do periódico *Estrella*, seria a única instituição responsável pela manutenção da ordem, livrando as democracias modernas dos males que as atingem (desemprego, carestia, prostituição...), visto nelas a ausência de uma autoridade soberana da qual emanasse a obediência, tal qual o chefe da Igreja.

Dentre as raízes dos males modernos, o periódico *Estrella* lista todas as filosofias materialistas oitocentistas, consideradas, para o pensamento católico, ateístas e desviantes: positivismo, por propor o conhecimento

47 Quixotadas. In: ESTRELLA. 1901. n.175. p.04

48 Pode-se lembrar aqui que o desenvolvimento da democracia cristã foi amplamente baseado na disputa com as doutrinas materialistas em conquistar o espaço social e político. Em lugar da máxima de Karl Marx e Engels o papa Leão XIII propôs a divisa da catolicidade que proclamava: "Católicos ide ao povo" (*Estrella*, n.01, 1898.)

da verdade pela demonstração e, assim, "(...) não admite lugar para a metafísica ou para as verdades todas de ordem supra-sensível. E assim chega a dispensar Deus e a religião" <sup>49</sup> ; o materialismo científico, uma vez que se baseia no conceito de matéria, onde o pensamento é a própria matéria organizada e "(...) nega a substância espiritual e prescinde (...) da alma, no sentido velho desta palavra" <sup>50</sup>; o evolucionismo de Darwin que, pelo estudo científico da evolução do homem na Terra veio a "(...) eliminar a intervenção de todo agente superior no mundo" <sup>51</sup>; o determinismo, pelo qual o homem, movendo-se sob a lei da necessidade, "(...) nega nessa mecânica moral a liberdade, a responsabilidade, o mérito e o demérito, o dever e a virtude." <sup>52</sup>; o naturalismo, por estabelecer a negação do sobrenatural em favor das leis da natureza e "(...) nega no mundo o fato maravilhoso -a ação do milagre." <sup>53</sup> Enfim, a doutrina positivista, que substitui a palavra DEUS pela palavra HUMANIDADE.

Auto-interpretando-se como transmissora da ciência primordial, a educação religiosa católica não necessitaria adaptar-se ao mundo da ciência, pois esse era regido pelas filosofias materialistas ateístas. Ademais, a religião sempre estivera ao lado da alta cultura, pois a Igreja Católica

---

<sup>49</sup> Estrella.n.02, 1898

<sup>50</sup> *Ibidem*

<sup>51</sup> *Ibidem*

<sup>52</sup> *Ibidem*

<sup>53</sup> *Ibidem*

atuou, em vários momentos da história, como protetora das artes na conservação, por exemplo, dos manuscritos da Antiguidade pelos monges da Alta Idade Média, eliminando a barbárie e garantindo o caminho para a Renascença. Segundo o *Estrella*, no entanto, a relação entre ciência e religião poderia se efetivar, ainda que respeitando os respectivos limites, pois "A religião nos diz que Deus nos dá a cada um o pão quotidiano; a ciência nos ensina como o trigo brota nos campos".<sup>54</sup>

Utilizando a mesma arma do periódico católico para demonstrar o papel da Igreja na história, ou seja, os fatos históricos, o professor Dario Vellozo assinalou os marcos cronológicos da "Derrocada ultramontana". Para ele, a origem do movimento anticlerical encontra-se na Reforma, "(...) *comquanto sectaria, era clamor e protesto em prol da liberdade de consciencia, do livre-exame*"<sup>55</sup>, e a Revolução Francesa coroou esse movimento. Se a Igreja garantiu o caminho para a Renascença esta, segundo Dario Vellozo, foi responsável por semear os grãos da liberdade de pensamento ao possibilitar métodos experimentais ao lado de dogmas.

A ciência, verdadeira religião para os "homens modernos", pára onde começa o mistério da criação do universo, pois as leis e observações mecânicas não atingem o mistério da criação. Era esse o ponto crucial, porém, para os

---

<sup>54</sup> *Estrella*. n.09, 1898.

<sup>55</sup> VELLOZO, Dario. *Derrocada ultramontana*. Curitiba : Typ. lith. Impressora Paranaense, 1905. p.22.

anticlericais de Curitiba interpretarem a religião como elemento anacrônico, pois ela "(...) não pode lutar vantajosamente com a Ciência. A Religião vive pelo Mistério(...)".<sup>56</sup>

A educação moderna e laica teria como objetivo, afinal, o desenvolvimento do pensamento crítico que deslinda todos os mistérios pelas descobertas científicas. O mistério da criação do universo nada mais seria do que um dogma religioso incompatível com o século do Progresso, pois atrofiador da razão crítica e encerrado no círculo clerical.

Opomo-nos francamente ao ensino religioso e nisto imos com as idéias avançadas de nosso século. queremos o que querem todos os homens livres de nosso tempo; o que não é incompatível com a nossa civilização; queremos que haja na República cidadãos aptos para o trabalho, qualquer que ele seja, sem teias da monstruosa aranha clerical no espírito, que saibam caminhar para a luz e para o progresso, e não esses seres bisonhos, resadores hipócritas que só concorrem para o atrofiamento moral e intelectual da humanidade.(..) Que bela coisa é não ter o espírito povoado de sombras e de visões aterradoras, tê-lo livre de preconceitos, aberto a todas as idéias generosas, esclarecido pela verdade, fortificado pelas convicções e adverso à protéria, à hipocrisia(...)<sup>57</sup>

56 ..... A imprensa e o clero. In: **Cenáculo**. 1896.

57 SILVA, Albino. O clero e o ensino religioso. In: **Cenáculo**. 1896.

### 2.2.3 MÉTODOS DE ENSINO: O EXERCÍCIO DA DÚVIDA

A educação moderna seria o instrumento primordial da individualização do homem contra o obscurantismo que o infantilizava, eliminando a vontade própria.

Extinguir a inteligência, diz Peletan, já é um passo gigantesco; mas não basta ao fim a que se dirigem os patronos do obscurantismo: é mister ainda suprimir a vontade, para que o homem atinja ao estado de simples máquina.<sup>58</sup>

Durante a Comuna de Paris desenharam-se as mais vigorosas propostas libertárias de ensino, principalmente sua laicização, que havia sido iniciada pela Revolução Francesa. O anarquista Francisco Ferrer inaugurou, a partir dessa herança revolucionária, a concepção libertária de "Escolas Livres", as quais foram difundidas na Europa, Argentina e Brasil.<sup>59</sup> Tornar o jovem um cidadão crítico seria tarefa da educação moderna. Aliás, no Brasil da primeira década do nosso século tomou corpo a proposta anarquista de ensino, a qual lutava pela educação como meio de conscientização.

Um italiano radicado no Paraná e simpatizante do

---

<sup>58</sup> Apud PERNETTA, Júlio. Prefácio. In: BANDEIRA, Euclides. *Heréticos*, p.07.

<sup>59</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão*; vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1963. (Foram inauguradas duas Escolas Livres em São Paulo: a do Brás e a do Belenzinho, sobrevivendo entre 1913-19, quando foram fechadas pelo governo estadual sob alegação de que feriam a legislação de ensino em vigor).



anarquismo, escrevendo ao lado de livre-pensadores curitibanos em 1913, comentava a importância da educação moderna face ao ensino confessional como arma de conscientização contra a ignorância da sociedade burguesa.

A mentira e todas as sutilezas da moral dos jesuitas, que se vão infiltrando na educação e na instrução das crianças, nos costumes sociais e em toda parte, são causas de delitos. Cortemos pois a causa para que os efeitos cessem. O anarquista combate-o por isso, e faz bem. Combate-o pela palavra e pela imprensa e principalmente pela Escola e pela Escola Moderna. Demos uma instrução livre à criança, fortifiquemo-la por uma educação moral, sem dogmas religiosos - e o clero que vive na ignorância da sociedade burguesa, ruirá sob o peso ridículo amanhã. O riso esmagador de Voltaire matou o dogma - o riso da criança emancipada matará o clero(...).<sup>60</sup>

O alimento da educação confessional seria a mentira, o embuste e a fraude, difundidos em dogmas e ritos ignorantes, pois distantes das luzes da ciência. O tripé da modernidade - Progresso, Secularização, Civilização- é fortalecido por mentes emancipadas das "*(...) theorias superficiaes, de um monogenismo ridículo, de milagres absurdos, de infalibilidades grotescas, e de canonisações, as mais extravagantes*".<sup>61</sup>

A crença cientificista no progresso e evolução dos conhecimentos científicos que culminariam na explicação da realidade total tornou a CIÊNCIA a cosmogonia do mundo moderno, pois abrangia enigmas até então indecifráveis, visto a força dos dogmas religiosos. Enquanto manipulação da

<sup>60</sup> GASPARINI, Saviano. Ideal anarquista. In: *Fanal*; órgão do Novo Cenáculo. p.444, 1913.

<sup>61</sup> PERNETTA, Júlio. Prefácio. In: BANDEIRA, Euclides. *Heréticos*, p.06.

realidade, através da experimentação, o cientificismo tornou a ação humana ilimitada e voltada para a busca da perfeição. A educação moderna e laica seria um dos principais instrumentos dessa busca, pois confiante na capacidade individual dos homens e em sua autonomia intelectual, *azorrague* do reacionarismo católico romano.

Tendo a ciência como escudo e lança, livre-pensadores e anticlericais curitibanos não temiam as chamas das fogueiras inquisitoriais ao difundirem seus textos, pois o mundo moderno tornou heréticos outros personagens que não escritores dotados de idéias originais. Aqueles passíveis de perseguição e punição, agora, eram os jesuítas:

"(...) pierrots que se arrastam guinchando, ridiculos na sua epilepsia gutural pelas igrejas, mordendo o pó dos soalhos, batendo desesperadamente com a mão em figa, no peito descarnado: mea culpa, mea maxima culpa. Esses sim são os excomungados, não pela palavra infalível de um Leão XIII, mas pelo Progresso e pela Civilização, que falam mais alto e em nome da sagrada liberdade da Consciência Humana".<sup>62</sup>

Cercado de garantias científicas Euclides Bandeira não hesitou em lançar uma coletânea de poesias sob o título "Heréticos" e assinalar as personagens dignas de carregar esse adjetivo:

---

<sup>62</sup> *Ibidem*, p.05.

## a. os padres:

*Padres! eu vos detesto! A vida ecclesiastica  
Tem um mysterio atroz que infunde pasmo e nojo!  
Como Janus do mytho ébifronte... sarcastica:  
- Uma face cordura, outra deboche e arrojo.  
(...) <sup>63</sup>*

## b. as beatas:

*Por certo é gente impura o beaterio que atulha  
A's altas cathedraes de meas culpas e loa,  
A rezar tão baixinho, a pigarrear sem bulha,  
Que apenas pela arcada um murmurio soa...  
(...) <sup>64</sup>*

## c. os papas luxuriosos:

*(...)  
Plena orgia. A Luxuria - um fauno mysterioso-  
Mudou o Vaticano em lupanar horresco.  
Ha espasmos, convulsões, e as cortezãs de goso  
Teem uivos dos galés de um circulo dantesco  
  
E nessa bacchanal, nesse festim sinistro  
Onde a volupia galga o requinte supremo,  
Eil-o, um Papa, Alexandre, -Eterno! um teo  
ministro. (...) <sup>65</sup>*

## d. as religiosas:

*Olhae, cá para fóra, anemicas reclusas  
Este sol que é uma gloria, este azul que é um  
docel!  
A vida aqui tem ar, retempera, e á granel  
Explode magestosa em emoções profusas.  
(...)  
Pobres damas! fugi dessas vestes sombrias!  
Renascei para o Amor e para as alegrias,  
Fazei florir, de novo, os tristes corações!  
(...) <sup>66</sup>*

<sup>63</sup> BANDEIRA, Euclides. *Heréticos*, p.19.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p.23

<sup>65</sup> *Ibidem*, p.20-21.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p.27

e. os celibatários:

*Basta! Dura demais. Que caia o panno! Agora  
O entremez do ascetismo é leria de palhaço  
Só para os imbecis. Quem, por acaso, ignora  
Que quasi todo o clero é lubrico e devasso.*

*E mais- a Razão brilha, a Verdade clancora,  
E a lei da Natureza é uma sentença de aço...  
(...) <sup>67</sup>*

Todos esses seres faziam parte do bestiário da modernidade, segundo Euclides Bandeira. Não era à toa que, quando esse poeta andava na Rua XV, "(...)há de ter visto muito beato se benzer e evitá-lo pressuroso." <sup>68</sup>

O prefaciador desse livro de Euclides Bandeira, Julio Pernetta, mesmo assim, não hesitou em recomendá-lo à leitura das senhoras curitibanas, pois segundo ele é nada mais que um "(...) *Evangelho de amor e de liberdade*(...)" <sup>69</sup> e, ainda, aconselhou-as a darem para seus filhos lerem, os quais "(...) *vo bemdirão, agradecendo áquelle brilhante espirito, que foi acender no seo coração a luz da Verdade, no sanctuario da alma virgem, a estrella d'alva da Fé e do Amor immortal*". <sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> *Ibidem*, p.29

<sup>68</sup> PILOTO, *Páginas*, p.63.

<sup>69</sup> PERNETA, Júlio. Prefácio. In: BANDEIRA, Euclides. *Heréticos*, p.07.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p.07

### 2.3 AÇOUGUES DA CONSCIÊNCIA II: O CONFESSIONÁRIO

*A mais nefanda e vil das criações divinas  
E' o confissinario, onde a ignominia impera.  
E onde os vicios, o crime e as luxurias caprinas  
Se acoutam, a rugir, se mascaram á espera*

*Da victima -indefeza entre mãos assassinas! -  
Que ali tão ingenua, ali vae tão sincera,  
E d'ali sae depois, as faces purpurinas,  
Babujada de lama e sem a crença austera.*

*Ah! mas, breve, ao redor do poste que nos idos  
Tempos de Escuridão sinistramente alçou-se  
Em prol do romanismo, ha de explodir, medonha,*

*A revolta dos paes, dos irmãos, dos maridos,  
Cujas filhas, irmãs e esposas n'esse alcouce  
Deixaram a Honradez, perderam a Vergonha...<sup>71</sup>*

#### 2.3.1. A DEVISSA DO BURACO DA FECHADURA

Tensionada pelo confronto, presente nos séculos XVI e XVII, entre atrição( arrependimento pelo medo dos castigos) e contrição( arrependimento pelo temor a Deus), a história do sacramento da confissão, um dos mais essenciais do

---

<sup>71</sup> BANDEIRA, Euclides. Confessionário. In: *Heréticos*, p.31-32.

cristianismo, oscilou entre rigorismos e indulgências.<sup>72</sup> No século XVIII, Santo Afonso Ligório, fundador da ordem dos redentoristas, promoveu um abrandamento da penitência da confissão, tornando mais aceitável e suportável a obrigação de revelar pecados. Ao lado de outras revoluções do pensamento, o abrandamento do temor a Deus auxiliou o homem moderno, no século da Revolução Francesa, "*(...) a assumir ele próprio suas responsabilidades éticas, e portanto a correr riscos*".<sup>73</sup>

A literatura anticlerical francesa da metade do século XIX afirmou "*(...) uma hostilidade virulenta - sobretudo masculina - com relação à confissão. Ela será acusada de intervir na intimidade dos lares, de opor a mulher ao homem, a religião à política, a escola confessional à escola leiga, a nostalgia do Antigo Regime ao progresso republicano. Será denunciado como um abuso ao poder*".<sup>74</sup>

Herdeiros do espírito iluminista, os anticlericais curitibanos interpretaram, a partir dessa herança, a prática da confissão como instrumento de *deshumanização*. Tradução "curitibana" do termo *transumanização*, designado por Michelet como perigosa anulação do ser. Era esse o efeito do ato de confessar-se, quando os segredos mais íntimos do indivíduo eram expostos. Em território brasileiro, segundo aqueles

---

<sup>72</sup> A confissão e o casamento foram, segundo Rouche, os meios mais eficazes de cristianização da vida privada, pois o batismo e a eucaristia tinham estreita relação com crenças mágicas e pagãs. (ROUCHE, Michel. Alta Idade Média ocidental. In: ARIES, VEYNE, Paul (Org.) *História da vida privada*; do Império Romano ao ano mil. São Paulo, v.01, Companhia das Letras, 1990. p.501-29).

<sup>73</sup> DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão*; a confissão católica séculos XIII a XVIII. São Paulo : Companhia das Letras, 1991. p.130

<sup>74</sup> *Ibidem*, p.131.

anticlericais, esse tenebroso instrumento penetrou, juntamente com a expansão colonial comercial, como arma principal da missão jesuítica na conversão dos nativos.<sup>75</sup>

Não se pretende, nesse presente trabalho, demonstrar o desgaste ou não da penitência da confissão frente à comunidade curitibana de católicos praticantes, mas apontar uma das principais fontes de crítica à frequência, principalmente feminina, a esse espaço sagrado. No caso, a oposição radical dos anticlericais curitibanos à função de *açougues da consciência* exercida pelo confessor.

A literatura anticlerical francesa organizou-se, a respeito da prática da confissão, em um eixo formado de quatro temas:

"(...) O insidioso poder à disposição do confessor constrange o livre desenvolvimento do indivíduo; a permanente necessidade de socorro opõe-se à autonomia pessoal, (...). O indiscreto desejo de saber, traduzido igualmente pela investigação lateral junto a familiares e vizinhos, conduz a um controle absoluto da mais secreta intimidade da pessoa; cria o risco de estabelecer uma verdadeira anulação do ser(...)".<sup>76</sup>

Para a literatura anticlerical curitibana, também foi a invasão da intimidade, tanto do lar como do indivíduo, o principal ponto de ataque à prática da confissão, uma vez que esse anticlericalismo assentava-se naquelas categorias essenciais e universais defendidas pelo movimento da

<sup>75</sup> SEBE, p.82-83.

<sup>76</sup> CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michele.(Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, v.04, Companhia das Letras, 1991. p.509-510.

Ilustração e que estão no bojo de qualquer postura iluminista. No caso específico da crítica anticlerical ao confessionalismo, defendia-se a autonomia do indivíduo.

"(...) que é o confessionalismo senão o buraco da fechadura de vossa casa e até de vossa alcova, por onde o sacerdote pode ouvir as vossas palavras mais secretas, presenciar as vossas ações mais encobertas e mesmo vossos pensamentos mais íntimos."<sup>77</sup>

A família, na visão burguesa, é que era o templo sagrado por excelência e sua inviolabilidade deveria ser assegurada, afastando a influência de personagens que viviam necessariamente à sua margem, como os celibatários, as religiosas, os bandidos, os boêmios, as prostitutas, os loucos...

Na literatura anticlerical a família, além disso, era entendida como o núcleo vital do progresso da pátria, por ser instância de transmissão dos valores morais e cívicos. "*O lar, portanto, é a primeira escola que o homem frequenta antes de entrar para este colíseo ensanguentado de gladiadores ferozes que se intitula: Mundo(...)*".<sup>78</sup> Valores morais, esses, ligados ao amor à pátria republicana e laica. Portanto, assim como as escolas confessionais católicas, a prática da confissão era incompatível com a construção da identidade nacional, uma vez que ambas atuavam como dissolventes do livre desenvolvimento dos pilares da pátria: o jovem e a mulher.

<sup>77</sup> *Electra*.n.01, 1901.

<sup>78</sup> BANDEIRA, Euclides. *A mulher e o romanismo*, p.07.



### 2.3.2. MULHER REPUBLICANA: A ALMA DA NAÇÃO

Clarice e Marcella eram amigas inseparáveis até o dia em que veio à baila o tema casamento. Clarice, livre-pensadora, não entendia por que Marcella queria casar no religioso e no civil, tentando convencê-la a "(...)tirar da cachola essas bobagens que ahi te arrumaram." <sup>79</sup> O fim da discussão terminou em briga, para o prazer da família carola de Marcella, a qual distinguia-se na cidade pelo fervor religioso. A inimizade, porém, durou pouco, pois um episódio iria não só reaproximar as duas amigas como tornar Marcella e sua família "devotos" só que do anticlericalismo. O episódio foi o seguinte:

Marcella, obedecendo às ordens de seu mentor espiritual, foi se confessar; mas...que decepção e que revolta da dignidade offendida! O frade confessor, vermelho, os olhos coruscantes de luxúria, a principio fez-lhe umas perguntas dubias e depois, francamente, com todo o descaro, aventurou propostas ilícitas! A moça, ferida brutalmente em seus mais delicados melindres, ergueu-se como que compellida por uma mola de aço; quiz falar, mas não pôde, suffocada de indignação e de lagrimas. Correndo, abandonou o pequeno templo de madeira; em casa atirou-se aos braços de seu progenitor narrando-lhe a proposta miseravel do confessor. O Eziquiel ficou como que fulminado; mas ante a offensa feita á filha querida desapareceu o seu carolismo e começou a esbravejar:- Canalha! Bem razão têm os anticlericaes quando dizem que tudo isso é uma patifaria e que essa padralhada é uma corja!...(...).<sup>80</sup>

O título desse pequeno conto de Euclides Bandeira,

<sup>79</sup> HELIO & HERONIO. *Troças e traços.*, p.19.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p.19-20.

*Ovelha desgarrada*, ilustra bastante bem o conceito que livre-pensadores em geral faziam do confessor como algoz das indefesas senhoras e senhoritas, tornado-as vítimas da rede sugestiva armada pelo poder do confessor. Assim, nada mais natural que várias ovelhas se desgarrassem do rebanho católico ao vislumbrarem os bastidores do confessor.<sup>81</sup>

A fragilidade da mulher compunha o modelo feminino desenhado pela literatura anticlerical de inspiração positivista, onde a mulher seria a pedra angular da sociedade, exercendo sua missão social de ter e educar filhos para a pátria.

"Porque o supremo designio da fragil companheira do homem, na terra - sua existencia tida, pode-se mesmo dizer-acha-se enclausurado na palavra sacrosanta Mater- como ao centro de extranho halo com reverberos de rocal cravejado de perolas- granadas marselhesantes e nitidos solitarios fulgindo a rara transparencia de lagrimas crystallisadas." <sup>82</sup>

A missão de criar homens para a pátria elevou a mulher como o ser primordial da humanidade, digno de proteção pois, ingênua e frágil, é vítima de vários vilões sociais, como os sedutores, identificados na literatura anticlerical aos confessores. Esses sedutores "filhos de Loyola" não hesitariam

<sup>81</sup> Para exemplificar esse abandono, no sacerdócio atual francês, entre os sete sacramentos, é a confissão que tem se esvaziado mais. Se por um lado esse desgaste vincula-se ao progressivo abrandamento da idéia de pecado, por outro essa idéia, principalmente a partir da década de 60, vem sendo substituída por um outro medo. A economia desigual entre primeiro e terceiro mundos colocou em pauta o medo da culpa social e não mais individual. (ver: VINCENT, Géraud. Os católicos: o imaginário e o pecado. In: ARIES, Philippe & DUBY, Georges. **História da vida privada**; da Primeira Guerra Mundial a nossos dias. São Paulo, v.05, Companhia das Letras, 1991. p.393-425).

<sup>82</sup> BANDEIRA, Euclides. *A mulher*, ...p.05.

em exercer influência sobre as mentes frágeis, via colégios confessionais católicos e via confessionalário, recrutando-as ao seu exército. Os processos de sugestão utilizados pelos jesuítas, alertava o maçom e anticlerical Theófilo Braga, "*(...) começam por phazes gradativas e crescentes da alienação mental, que se propaga por essa doença perfeitamente estudada pelos alienistas sob a epigraphe de monomania religiosa.*"<sup>83</sup>

Causava horror aos livre-pensadores e anticlericais a imagem de um exército de beatas anêmicas desviadas de sua nobre missão de ser mãe. Se as mulheres que frequentavam o confessionalário não se tornassem *esposas de Jesus* poderiam, em outro extremo, despertar para uma vida nada regrada de vícios, inspiradas nas propostas ilícitas dos vergonhosos padres. Na França esses temores também estavam presentes na literatura anticlerical.

Seguro de sua grande sapiência sobre o pecado da carne, o confessor, com suas perguntas em excesso, desperta a alma inocente para as primeiras emoções do vício.<sup>84</sup>

Confessores contra maridos, pais e irmãos, disputam pelo controle das consciências femininas. Imbuídos das novas descobertas científicas que afirmavam leis fatais da hereditariedade, entre elas a que afirmava serem os filhos

---

<sup>83</sup> BRAGA, Theophilo. Os Exercícios de Loyola. In: *Esphynge*.n.02, p.183, 1906.

<sup>84</sup> CORBIN, p.510.

homens herdeiros das qualidades morais da mãe <sup>85</sup>, os anticlericais tinham a obrigação de zelar pelas mentes femininas, pois *"Assim como Christo é a cabeça da Igreja os maridos são os cabeças de suas mulheres e somente eles devem aconselhá-las e ampará-las"*.<sup>86</sup>

A importância da discussão livre-pensadora em torno da prática da confissão deixa entrever a relevância do tema da família para a literatura não só anticlerical, mas para todas as correntes de pensamento preocupadas com a elevação da esfera privada como núcleo reprodutor dos valores maiores que regem a pátria republicana e laica. Assim, livre-pensadores, maçons, positivistas e anarquistas promoviam o modelo feminino ligado ao lar, à maternidade e à educação dos filhos, preparando-os adequadamente, segundo preceitos da ciência moderna.

Para tanto, a mulher deveria ser educada longe dos dogmas religiosos, pois enquanto formadora das almas da nação seria um terrível erro deixá-la reproduzir, no lar, crenças absurdas, como a infalibilidade papal, a prática da confissão auricular, os milagres, os anjinhos do céu e os demônios do inferno.

A educação moderna pregada por Laffite e Spencer, sim,

---

<sup>85</sup> "Numerosas observações feitas por naturalistas, physiologistas e medicos provam que, em geral, herdamos os filhos as qualidades moraes da mãe e as filhas do pai".(DEBAY, A. Physiologia do matrimonio apud BANDEIRA, Euclides. *A mulher e o romanismo*, p. 16.).

<sup>86</sup> Depoimento do ex-padre Chiquini. *Electra*.n.01, 1901.(O ex-padre escreveu, por volta de 1907, um livro denominado *O padre, a mulher e o confessor* descrevendo os abusos cometidos às confidentes pelos religiosos, chegando até fornecer dados numéricos. "(...) declara que sobre 200 padres por elle confessados, 179 afirmaram haver tido intimas relações com penitentes suas. Um d'ellas que foi confessor de 1500 entre casadas e jovens solteiras, afirmou ter corrompido a 1000 d'ellas com suas immoraes perguntas."- *O combate*.n.01, 1907).

era a garantia de que o lar seria a repetição, em pequena escala, da civilização moderna.

Crear os homens, collabora Laffite, isto é, não somente dar á luz uma creança, mas alimentar-a, educal-a, dirigir o seo coração e seo espirito, dar-lhes licções e exemplos de dever, é papel que tem utilidade e muita nobreza; quanto a mim não conheço outro mais nobre".<sup>87</sup>

Educar a mulher, assim, não significava fornecer-lhe chance em ingressar no mundo público do trabalho, equiparando-a ao sexo oposto, mesmo porque livre-pensadores, positivistas e anticlericais compartilhavam da crença, então generalizada, da natureza imatura da "companheira do homem". Educar a mulher era garantir a perfectibilidade de seu trabalho extremamente responsável e nobre de conduzir o lar, através da bondade, ternura, justiça e altruísmo.

Eduque-se, pois, a custa embora dos maiores esforços e que a educação da mulher Brasileira seja a aspiração suprema, a preocupação constante de todos nós. Della depende todo o porvir desta sacratissima, desta incomparavel República do Cruzeiro - opulenta, magnifica, invencivel, magestosa um dia, quando realizar-se aquelle sonho estupendo: as mães brasileiras acalentando os filhos bem-amados, não a desfiar milagres, lendas supersticiosas, cantarolando em surdina alleluias e loas, mas a tautear - risornhas e gloriosas - o hymno vibrante, o hymno triumphal de nossa Patria que só por si equivale a um brado de victoria!<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> CAMPOS, A. A missão da mulher. *apud* BANDEIRA, Euclides. *A mulher...*, p.06.

<sup>88</sup> BANDEIRA, Euclides, *A mulher...*, p.17-18.

### 3. DO RISO DE VOLTAIRE AO RISO DE EUCLIDES BANDEIRA: AS TRANSFORMAÇÕES DO ANTICLERICALISMO LITERÁRIO

*Relembrando a triste rata  
Que deu, lá pelo senado,  
Quando foi esborrachado  
Pelo Martinho Garcez,  
Atuchava-se de ostias  
O monsenhor tristemente  
Quando a morte de repente  
O pegou... e era uma vez...*

*Morreu... um padre de menos...  
Um jesuitão sem critério...  
Ao entrar no cemiterio,  
Com um riso de escarninho  
Dice um verme a outro verme  
Olhando a gorda carcassa:  
- Hoje amigos, por desgraça,  
Nós só temos banha e vinho.<sup>1</sup>*

#### 3.1 ANARQUISMO: ALIADO DO ESPÍRITO ILUMINISTA

Estava eu em companhia de alguns amigos em uma esquina da rua principal quando apontaram ao longe quatro fantasmas tétricos, quatro vultos apocalípticos, vestidos de negro, passo grave e de autoridade, andavam percorrendo aquilo que julgavam seus domínios, como que orgulhosos com o resultado de seus esforços. Quando chegavam mais perto pudemos divisar as legendas que cada um dos vultos trazia a tiracolo e eram estas: nephilibatismo, clerophobia, anarquismo, ódio. Depois de haverem percorrido todas as ruas e praças da cidade, recolheram-se eles a um cenáculo sombrio e escuro onde foram banquetear ao som de uma charada desafinada, e composta de instrumentos de formatos nunca vistas por mim e iluminados por uma luz invisível. O lugar de honra era ocupado por uma figura de aspecto horrendo, de formas assombrosas; olhos ígneos e esbugalhados;

<sup>1</sup> BANDEIRA, Euclides. Epitaphio, monsenhor Alberto. In: *O olho da rua*. n.04, ano I, 1907.

olhar feroz; cabelos eriçados e crescidos; dedos longos; unhas extensas e aduncas; enfim, parecia o mephistófoles do Fausto. N'esse momento eu despertei(...)<sup>2</sup>

É surpreendente como o pesadelo aqui transcrito traz à tona a lógica da persuasão do discurso católico que, ao desvendar detalhadamente "o outro", objetiva eliminá-lo como inimigo.<sup>3</sup> Assim, no texto de Juliano dos Prazeres aparecem lugares e situações do cotidiano dos anticlericais de Curitiba: seu local de passeio preferido - as ruas do centro da cidade, como a rua XV - seu local de reunião - o cenáculo, referindo-se à revista *O Cenáculo*, uma das principais entre os anticlericais; sua ligação com a maçonaria que transparece na expressão "luz invisível", referindo-se ao homônimo periódico maçom; e, finalmente, vislumbra-se a importância da presença do anarquismo como personagem do universo anticlerical.

Ainda em outro pesadelo publicado, Juliano dos Prazeres teve o prazer de nos revelar uma reunião entre aqueles membros horrendos que decidiam como acabar com os fanáticos: dentre o ódio, a clerofobia e o nefilibatismo venceu o anarquismo com a proposta de lançar uma bomba sobre o templo religioso repleto em plena função.

---

<sup>2</sup> PRAZERES, Juliano dos. O anticlericalismo; uma visão. In: **Estrella**. n.145, 1901.

<sup>3</sup> Remeto à construção do discurso clerical inquisitorial como forma de rastrear o "outro". SOUZA, Laura de Mello e . Os discursos imbricados. In: **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**; feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo : Companhia das Letras, 1989. p.277-333.

(...)Depois de assistir a missa na Cathedral dirigi-me para casa. Mal tinha adormecido, appareceram-se os taes quatro phantasmas, os quatro vultos tetricos que os leitores já conhecem, os mesmos que me haviam preocupado no primeiro sonho. Depois da terrivel debandada, foram se reunir em um lugar para mim desconhecido. A tal figura horrenda que eu vira no outro sonho lá se achava.<sup>4</sup>

Juliano estava referindo-se a figura do "mephistófoles do Fausto". E continuou a sonhar. Primeiro com o *nephilibatismo*:

A sessão era presidida pelo velho que representava o *nephilibatismo*, com seus olhos escuros, porte grave e que com voz austera assim fallou aos companheiros: Meus amigos. Todos os nossos esforços tem sido baldados: a calumnia, o ridiculo, o insulto baixo e soez nenhum resultado tem obtido. Quanto mais fallamos, quanto mais escrevemos, mais cresce a onda do jesuitismo, do carolismo, do fanatismo, da hypocrisia; os nossos trabalhos tem sido contraproducentes. Temos necessidade de mudar de tactica. Vamos resolver qual será o melhor meio(...)<sup>5</sup>

Depois, veio a figura do *ódio*:

Então disse o *ódio*: Estou convencido pelo que ouço por ahi que o povo não se deixa levar pelos versos que publicamos; ninguém os lê; proponho que de hoje em diante vamos escrever em prosa simples e chã que todos entendam, mesmo sem auxilio da grade. Creio que o nosso insucesso vem d'isto: não somos compreendidos.<sup>6</sup>

A figura que representava a *clerophobia* veio em seguida, discordando do *ódio*:

<sup>4</sup> PRAZERES, Juliano dos. O anti-clericalismo; um sonho. In: *Estrella*. n.146, 1901.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*.



- Não,...) essa não é a causa. Julgo que devemos espalhar folhetos pelas ruas, pelas casas, pelos clubs, pelos theatros, pelos botequins, pelos kioskes, por toda parte enfim, onde houver gente que saiba ou não ler. Devemos mostrar ao povo quem são esses tartufos dos padres, dos jesuitas de batina e de casaca, mentir, caluniar sempre porque alguma cousa ha de ficar.<sup>7</sup>

Por último, a proposta vencedora a arrepiar o sonho de Juliano dos Prazeres:

A minha opinião, diz o *anarchismo*, é que devemos destruir pela força esses elementos maus que nos perturbam a tranquilidade e o sucesso de nossa missão. Para que foi inventada a dynamite. Quando os fanaticos estiverem reunidos em grande numero, uma solene função em seu templo, eu lá irei, e em ocasião oportuna lancarei a bomba, tudo irá pelos ares, a hecatombe será medonha, e a nossa victoria será certa.<sup>8</sup>

Por que Juliano dos Prazeres fez, em seu sonho, a proposta anarquista a vencedora? Aqui, ainda aquela imagem do anarquismo pela ação direta em defesa de seus ideais libertários. Dentre as greves, os boicotes, as sabotagens, a utilização da bomba de dinamite. Nos textos anticlericais também essa imagem estava presente.

Os anarquistas são operários que saem da lobrega enchovia da miséria, apavorados pelo espectro terribilissimo da fome, para protestar ao ribombo magestosamente soberano da dynamite, contra o desequilibrio de capital(..)<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> \_Fanal. òrgão do Novo Cenáculo. p.440, 1913.

A passagem pelas letras curitibanas do imigrante anarquista Gigi Damiani, egresso da Colônia Cecília<sup>10</sup>, e mesmo o fortalecimento do anarquismo como instrumento da resistência operária, principalmente a partir de 1906<sup>11</sup>, ajudou a uma maior elaboração do pensamento libertário por alguns intelectuais de Curitiba e regiões arredores, como Antonina, Ponta Grossa, Guarapuava e outras. No entanto, a identificação do ideal anarquista - de quebra da autoridade religiosa- com a postura anticlerical, mesmo conservadas as devidas proporções política-ideológicas, deveu-se às suas raízes comuns: o pensamento libertário, segundo os literatos anticlericais curitibanos, seria mais uma raiz da árvore da acácia criada no solo que fez nascer os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

O anarquista insurge-se contra todas essas tiranias. Eles possuem as suas instituições secretas; nelas trabalham e lutam na ânsia de encontrar a solução melhor para o bem dos desgraçados que são a maioria dos homens. Divergindo embora em suas bases e no meio de realizar os seus fins, todos eles almejam esta grande triade que os enciclopedistas conseguiram realizar em parte: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.<sup>12</sup>

.....

<sup>10</sup> A mais conhecida comunidade libertária, a Colônia Cecília, instalou-se, com a autorização de D.Pedro II, na região de Palmeira, no interior do Paraná, em abril de 1890. "Até 1893 a colônia sobreviveu, quando o grupo remanescente foi expulso pela polícia republicana, dispersando-se pelos confins do país".(LEONARDI, Victor & FOOT HARDMAN, Francisco. História da indústria e do trabalho no Brasil; das origens aos anos 20. São Paulo : Atica, 1991. p.262. Série Fundamento, n.69).

<sup>11</sup> " O Primeiro Congresso Operário Brasileiro realizou-se No Rio de Janeiro, de 15 a 22 de abril de 1906, na sede do Centro galego, à Rua da Constituição. A intensa propaganda de convocação, através de circulares das associações operárias, publicadas nos jornais anarquistas e socialistas, foi muito importante para a aglutinação do movimento e realização do congresso(...)" LEONARDI, Victor & HARDMAN, p.267.

<sup>12</sup> Saviano Gasparini. Ideal anarquista. In: FANAL. Órgão do Novo Cenáculo. p. 440, 1913.

Literatos anticlericais e militantes anarquistas compartilhariam do mito ilustrado do "saber é poder". Ambas as falas, do intelectual e do libertário, seriam falas da razão, dotadas da "luz da verdade" e contra o obscurantismo.

A linguagem do discurso anarquista, principalmente a da vertente anarcossindicalista (presente no Brasil entre 1906 e 1920), buscava ser clara, acessível e didática, driblando os problemas causados com a mistura entre o português e língua pátria, intencionando chegar às massas.<sup>13</sup>

Essa pertinaz tentativa de chegar às massas levou, contraditoriamente, a nível do discurso escrito (imprensa operária), à assimilação do parnasianismo, que era o tom e coro dominantes no universo da República bacharelesca(...).<sup>14</sup>

A República das Letras tinha a forma (os sonetos parnasianos) e, pois época de transição, efervescente, a linguagem libertária tinha o didatismo a oferecer.

Por volta de 1906 a escrita anticlerical de Curitiba foi expondo essa influência que certamente insinuava-se desde a presença de Gigi Damiani no *meeting anticlerical* de 1902.<sup>15</sup> Assim, de uma complexa escrita, muitas vezes hermética e iniciática (devido à importância do simbolismo e da

---

<sup>13</sup> FOOT HARDMAN, F. *Nem pátria, nem...*, p. 29-52.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.48.

<sup>15</sup> Sobre o *meeting anticlerical* de 1902 e a presença de Gigi Damiani ver o segundo capítulo, item 2.1.

maçonaria), a presença de caricaturas<sup>16</sup> e textos com personagens são exemplos da linguagem escrita anarquista adentrando alguns escritos anticlericais.<sup>17</sup>

A revista cultural *O Olho da Rua* foi a mais exemplar no emprego da caricatura pelo anticlericalismo curitibano. Fundada em 1907, tinha como um dos principais colaboradores Euclides Bandeira que, sob o pseudônimo de Hélio, escrevia os diálogos dos personagens Foligônio<sup>18</sup> e Zé Povinho. A presença das caricaturas também representou uma simplificação na linguagem anticlerical, que até então utilizava símbolos somente acessíveis a iniciados, como o triângulo maçom, a acácia e mesmo contornos rebuscados de maiúsculos e uso de vocabulário estrangeiro ou científico.\*

Em 1908, trechos de um conto de ficção, cujo enredo era o encontro entre um caboclo, um jesuíta, um fazendeiro enfermo e sua jovem e indefesa filha, foram publicados exemplarmente

---

<sup>16</sup> A tradição da sátira caricatural, da blague, "(...) esteve presente numa certa corrente da imprensa humorística e de pasquins da época (...) Na verdade, a tradição satírica possui raízes que extravasam, certamente, o discurso anarquista: mas, nessa época, algumas intersecções parecem ter ocorrido. Sem falar na linha humorística e de sarcasmo demolidor adotada pela imprensa libertária, principalmente anticlerical(...)". FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem pátria, nem ...*, p. 125.

<sup>17</sup> Segundo monografia de Marcia Maria Marchesini, periódicos anticlericais, como ELECTRA, fundado em 1901, já trazia em sua linguagem a influência do pensamento anarquista. Além do ELECTRA outros periódicos anarquistas circularam com propaganda anticlerical, como: AZORRAGUE, de 1902; O DESPERTAR, de 1904; e, O COMBATE, de 1907. MARCHESINI, Marcia MÃ...**Os inimigos do rei clero: a imprensa anticlerical anarquista paranaense 1890-1920.** Curitiba, 1992. Monografia. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná. (Obs: no periódico O COMBATE aparecem alguns textos de Euclides Bandeira. Esse periódico apresentou uma campanha propondo a obrigatoriedade dos padres pagarem imposto profissional).

<sup>18</sup> Em 1909 Euclides Bandeira reuniu seus textos das aventuras de Foligônio em seu livro denominado **Traços e troças**. (Ilustrações em anexo).

\* Ilustrações em anexo

na revista *Olho da Rua*.<sup>19</sup>

O caboclo, justamente por sua pura ignorância, havia conduzido até a fazenda um padre para dar a extrema-unção ao seu patrão que se encontrava no leito de morte. O padre, ao ver a filha do fazendeiro "hipocritamente" se apaixona por ela e a leva consigo para o convento. Lá, a pobre moça enlouquece. Um jornalista "herético" descobre a trama e a publica em seu jornal chamado "A Lógica". Como revanche, os padres do convento denunciado sequestram o jornalista e o mantêm preso em uma jaula. Um dia, Anacleto, o caboclo, que também tinha ido para o convento e se transformado em noviço, acha o jornalista enjaulado nos sótãos do convento, iniciando-se uma amizade entre os dois. Aos poucos, graças às habilidosas palavras do jornalista, Anacleto vai se convencendo da hipocrisia do meio clerical e, clamando outros noviços rebeldes consegue soltar o letrado e ainda prender o padre gorducho, auxiliando na expulsão dos demais religiosos.

O enredo é exemplar e remete novamente ao mito ilustrado do "saber é poder" cuja função seria exatamente o convencimento didático do outro, menos culto, através de uma fala persuasiva, justificando a postura anticlerical como defesa às ameaças da clericalização.

A fala do saber, no entanto, não explicitava todos seus meandros, mas através do convencimento abria a via da dúvida, esse belo exercício intelectual. Em um dos trechos daquele conto esse mecanismo é exemplar quando do diálogo entre o

<sup>19</sup> FARIA, Roberto. Abutres...In: *Olho da rua*. n.29, ano II, 1908.

jornalista ainda preso e um dos noviços.

O pobre Valter não respondeu: estava pensativo. Dir-se-ia já em seu espírito a nuvem prometedora da dúvida, dessa dúvida que nos abre o caminho luminoso da investigação; investigação bendita que nos guia ao final da jornada, - a liberdade de consciência.<sup>20</sup>

Nessa mesma época da fundação da revista *Olho da Rua* outro instrumento estratégico da ação anarquista marcava presença em alguns espaços de Curitiba: as peças do teatro social.

Com o "Grupo Filodramático Ibsen", composto basicamente por elementos italianos, iniciaram-se as encenações do teatro social libertário de propaganda anticlerical.<sup>21</sup> O anticlericalismo unia, desse modo, dois aliados contra um inimigo comum: o clero.

O Clero Católico é uma vasta associação religiosa-política-social, cujos fins se afastam da civilização contemporânea, cujos membros pela característica de seus modos de vida, afastando-se da realidade da vida constituem uma ameaça constante ao progresso e à civilização, à moral e aos bons costumes.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> Segundo dados dessa tese foram representadas, em Curitiba nos primeiros anos do século, tanto peças tatrais de raízes folhetinesca européia, como "Gaspar, o Serralheiro" - encenada pela Associação Curitibana dos Empregados no Comércio-, como aquelas produzidas pelos próprios militantes anarquistas, como os textos do italiano Pietro Gori - "Primeiro de maio" - e do mineiro Avelino Fóscolo - "O Semeador" -.COSTA, Marta Morais. *Teatro em papel jornal*. São Paulo, 1987. Tese de Doutorado, USP. v.01.

Segundo Foot Hardman, isso apresentava uma "(...) tensão entre certa tendência do gosto popular e os ideais da dramaturgia anarco-sindical".(FOOT HARDMAN, F. *Nem pátria, nem ...*, p.93).

<sup>22</sup> Contra o clero. In: A TERRA LIVRE. São Paulo, 1940. *Apud* CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil: 1877-1944*. 2ª ed, Difel, 1984. p.380.

Essa aliança em torno do anticlericalismo não significava, necessariamente, a filiação de um intelectual atuante no movimento anticlerical de Curitiba na luta libertária.

A Primeira República era uma época plena de "(...) alternativas históricas possíveis, que se colocavam diante dos olhos dos autores, pelas quais lutaram energicamente(...).<sup>23</sup> A situação cultural efervescente desse período tornava esses intelectuais ecléticos, filhos do tempo de transição. Portanto, os anticlericais de Curitiba não formaram uma escola homogênea, mas sim um grupo influenciado por várias leituras, as quais eram selecionadas e filtradas segundo experiências e vivências individuais e ideais da época.

O professor de História Universal do Ginásio Paranaense Dario Vellozo, por exemplo, não sofreu influência direta da linguagem anarquista em seus textos anticlericais, pois estes continuaram marcadamente científicos, rebuscados e intelectualizados, influenciados pela filosofia ocultista e teosófica.<sup>24</sup> Seu folheto de 25 páginas denominado *Derrocada Ultramontana*, por exemplo, expôs as "causas" da decadência do catolicismo romano, assinalando os marcos históricos responsáveis por essa derrocada.

Euclides Bandeira, por sua vez, incorporou em sua escrita anticlerical elementos essenciais da linguagem

---

<sup>23</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como...*, p.23.

<sup>24</sup> Aqui é importante lembrar que foi Dario Vellozo o fundador do Instituto Neo-Pitagórico, em 1909. Em 1918 inaugurou ainda, o Templo das Musas.

anarquista, principalmente a blague e a ironia apresentadas nos artigos da revista *Olho da Rua*.

Tanto Dario Vellozo como Euclides Bandeira, porém, entendiam o anarquismo como um pensamento aliado. É o que demonstra a presença do italiano Savino Gasparini como autor de um artigo denominado *Ideal anarquista*, já citado anteriormente, publicado na revista *Fanal* ao lado de vários outros intelectuais, inclusive os dois referenciados acima.

### 3.2 QUE FIM LEVOU O ANTICLERICALISMO LITERÁRIO DE EUCLIDES BANDEIRA ?

#### 3.2.1 CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ

Passada a vertigem dos acontecimentos dos primeiros anos da República e antes de se retirar "(...) à vida particular, que se lhe solidificava com a herança de seu velho e honrado pae, não deixando todavia de manter efetiva colaboração..."<sup>25</sup> em vários outros periódicos, Euclides Bandeira criou um projeto para a proteção cultural paranaense, revelando a sua preocupação em conservar aqueles escritos efêmeros e outros muitas vezes desprezados pelo tempo rápido da imprensa. Com essa preocupação e com o apoio de outros

<sup>25</sup> SOTTOMAIOR, p.302-309.



literatos fundou, em 19 de dezembro de 1912, o *Centro de Letras do Paraná*.

A idéia básica do Centro consistia, em suma, na organização da biblioteca paranaense. Porque ocorria fato interessante: muito se falava do Paraná literário, na pujança espiritual e numérica dos seus poetas, prosadores, dramaturgos, comediógrafos, etc... enfim proclamava-se em todos os tons e estranho brilho com que o Estado exsurgia no convívio intelectual do país, mas, em verdade, a produção por livros não correspondia a tamanho ruído.<sup>26</sup>

O Centro de Letras serviria, desse modo, para a preservação da produção cultural paranaense, através da publicação dos últimos escritos - aqueles que ainda estavam nas gavetas dos vários literatos desse Estado - "*(...) de maneira que o espírito paranaense irradiasse em todas as suas modalidades*".<sup>27</sup> Essas publicações iriam, de uma certa maneira, redimir os escritores paranaenses perante o público desse Estado e mesmo perante a produção cultural nacional, pois eles, na verdade, estavam mergulhados no louco ciclo da imprensa e nunca na ociosidade.

Euclides Bandeira reconheceu as dificuldades e os limites impostos à profissão de jornalista em pleno momento efervescente da Primeira República, exigindo da pena de escrever um trabalho rápido e determinado, tornando-a uma República das Letras.

---

<sup>26</sup> BANDEIRA, Euclides. Dez annos. In: *Revista do Centro de Letras do Paraná*. n.03, 1922.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

Emaranhado cada vez mais na luta, o jornal era imprescindível como o tacape ao guerreiro índio (...) Na república das letras, em verdade, nunca passamos do jornal. Tudo o que nos saiu da pena traz, pois, a característica dos escritos predestinados ao giro efêmero das folhas volantes. Trabalhos de improviso e ao sabor do desenrolar quotidiano dos acontecimentos.<sup>28</sup>

O programa de "cooperativismo literário" a ser desenvolvido pelo Centro de Letras pretendia a publicação de um livro por mês, cada um abordando um assunto diferente dentro de um universo bem variado, abrangendo desde poesia até estudos sobre geografia, geologia, direito, gramática, memórias e história. Dos títulos previstos apenas nove deles foram publicados ao longo dos primeiros dez anos do Centro de Letras. E, apesar do grandioso esforço em levar adiante esse programa e da destinação de um fundo social criado pelo presidente de Estado Carlos Cavalcanti, o Centro de Letras viveu um período de esmorecimento que obstaculizou o ritmo previsto para as publicações.

Desde seu primeiro número em 1913, a REVISTA DO CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ iria preencher, no entanto, as lacunas e os livros da lista não publicados, ao dar espaço a autores e temáticas variadas que abrangiam e contemplavam aquele universo intelectual do programa de "cooperativismo literário"; textos como *A syphilis, como problema social*, do Dr. João Candido Ferreira e *Esthetica do Direito*, do Dr. Pamphilo d'Assumpção são alguns exemplos da preocupação do Centro de Letras em apresentar o "espírito paranaense" em

.....  
<sup>28</sup> BANDEIRA, Euclides. *apud* PILOTO, Valfrido. *Páginas...*, p.65.

todas suas modalidades.

Euclides Bandeira só teve tempo, ele mesmo, de escrever textos menos efêmeros poucos anos antes de morrer, como frisou David Carneiro:

(...) somente no fim da vida começou a enfeixar artigos e crônicas, bem como versos, para que tivessem esses preciosos escritos, uma vida menos efêmera que a rosa de Malherbe. Deu então a esses volumes, de valor estético e histórico incalculáveis, os nomes de *Crônicas Locais*, *Respigos Históricos* e de versos os *Prediletos*.<sup>29</sup>

Euclides Bandeira, assim como outros escritores paranaenses da década de 1940, deu, nesses últimos escritos, sua versão sobre o perfil psicológico do homem curitibano, utilizando-se de traços característicos do pensamento paranista.<sup>30</sup> A partir desse arsenal cultural a imagem do verdadeiro paranaense, encarnado, para Euclides Bandeira, no curitibano, é aquela de quem, amando seu torrão natal, contribuiria para o próprio progresso da Pátria.

Vê portanto, o curitibano as coisas como elas são. Sabe o que a sua urbs possui de bom ou de mau, de mais ou de menos. E quanto ainda lhe falta! Tem, sobretudo, o bom senso de não comparar ou invejar. Reconhece, o curitibano digno desse nome, como primordial dever, amar este recanto, não platonicamente, mas com eficiência, procurando ser útil ao seu progresso e, pois, ao da Pátria. Colocado neste vértice superior não

<sup>29</sup> CARNEIRO, David. *Galeria de hontem e de hoje*. Curitiba : Vanguarda, v.01, 1963. p.

<sup>30</sup> David Carneiro publicava nos anos 40 seu texto *História Psicológica do Paraná*, analisando a alma paranaense. A década seguinte caracterizaria-se, por sua vez, pela construção da idéia e conceito de História Regional, a partir das obras de Wilson Martins - *Um Brasil diferente* -, Brasil Pinheiro Machado -*Sinopse da História Regional* -, Temístocles Linhares -*Paraná vivo*-, entre outros.

é e nem pode ser bairrista no corriqueiro do vocábulo, vaidoso que se deixasse enfunar por louvainhas sonoras. Não há, todavia, mesmo no Estado, quem mais agarrado à sua nesga de solo. Quando o destino o leva, a nostalgia o reconduz. O que quer é, enamorado, viver aqui ao pé desta moça branca e loura (...).<sup>31</sup>

*Crônicas Locais*, de 1941, exaltava um dos cernes da ideologia paranista: a incorporação da região - no caso o Paraná - à nação, pela especificidade. Especificidade do seu clima, de sua natureza, de seu território e de sua gente.

Presente desde a década de 1920 o paranismo teve em Romário Martins seu principal mentor ao criar uma identidade, entre o homem e a natureza paranaenses, a qual atuasse como símbolo. O pinheiro tornou-se o símbolo mais completo dessa identidade.

(...) símbolo da terra, mas também do homem paranaense trabalhador o pinheiro confunde-se com a própria imagem do homem alto, eril, forte, e de braços abertos para o futuro auspicioso.<sup>32</sup>

Nesse mesmo ano de 1941, o paranista Valfrido Piloto já elogiava o texto *Crônicas Locais* de autoria de um "verdadeiro curitibano", descendente do trono de Carrasco dos Reis. Talvez tenham sido essas antigas raízes em terras curitibanas que inspiraram os elogios de Piloto, reforçando ainda mais a

<sup>31</sup> BANDEIRA, Euclides. *Crônicas locais*. Curitiba, Tipografia da Escola de Artífices, 1941.

<sup>32</sup> SZVARÇA, Décio. *O forjador, ruínas de um mito: Romário Martins 1893-1944*. Curitiba, 1993, Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

ideologia paranista no seu intento de fundar a região e o homem paranaenses pela escrita de uma história orgulhosa de si própria.

E compôs, assim, Euclides Bandeira o livro mais interessante - único no gênero - que já se escreveu sobre nossa capital. Um cofre para a História. A História já, - História legítima, latejante de vida e de exatidão, - em muitas e muitas páginas (...)<sup>33</sup>

Essa exaltação do texto de Euclides Bandeira como "história legítima" foi mais um instrumento para a luta de Valfrido Piloto em defesa da ideologia paranista que, na década de 1940, enfrentou severas críticas por parte de intelectuais que se diziam a "geração dos novos". Eram nomes como Wilson Martins, Temístocles Linhares, Helena Kolody, Dalton Trevisan e outros, que interpretavam o paranismo como uma prática regionalista que impedia as superações artística e filosófica necessárias rumo à modernidade cultural. Nesse contexto formaram-se nitidamente dois grupos, cada qual defendendo seu universo cultural.

Naquele tempo, Curitiba era duas quadras da rua XV, em que todos se conheciam pessoalmente uns aos outros. E houve um momento até que paravam, geograficamente não, topograficamente em frente um do outro. Porque havia a livraria Mundial de um lado da rua XV e a livraria Ghignone do outro lado, uma em frente da outra, e os paranistas paravam na Mundial e os outros paravam na Ghignone. E nos olhávamos com hostilidade de um lado

---

<sup>33</sup> PILOTO, Valfrido. Páginas..., p.76.

para o outro da rua, de forma que eram grupos claramente limitados.<sup>34</sup>

A literatura brasileira na década de 1940, de forma geral, expressou-se em tendências mais universalistas do que regionalistas e, no Paraná, essa tendência funcionou também como instrumento de crítica ao paranismo. Ocorreu, assim, uma mudança na rota do movimento de construção da nacionalidade via exaltação da regionalidade para uma outra via, agora da nacionalidade inserida na universalidade; da literatura paranista preocupada em contribuir para o progresso da pátria à literatura universalista preocupada com a história universal e com o homem contemporâneo, pós Segunda Guerra.

Naquele momento, ser moderno é ser universal, ou melhor, possuir um espírito universalista, atento às questões cruciais para o homem contemporâneo. O desenvolvimento cultural só pode ser efetuado regionalmente, se mergulhado em valores e práticas universais (ocidentais) e não, como parece aos paranistas, efetuado internamente para ser incorporado em sua especificidade como contribuição à formação e alimentação da cultura universal.<sup>35</sup>

Na mesma década em que morria Euclides Bandeira nascia o desejo de cantar outra Curitiba para além daquela dos sapos, dos pinheiros, do céu azul... Desejava-se levar Curitiba ao mundo, identificando os seus traços universais - urbanos e industriais- e ultrapassando os limites da rua XV, musa de Euclides Bandeira. Tempos diferentes, Curitiba(s)

<sup>34</sup> Apud MACHADO, Cacilda da Silva. *Joaquim* : abril\1946 - dezembro\1948. Curitiba, 1988, Monografia, Departamento de História, UFPR. p.01.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 42.

diferente(s)!

(...) Eu não sei cantar Curitiba, a de Emiliano Pernetá, onde o pinheiro é uma taça de luz; de Alberto Oliveira, onde oh! o céu é azul(...)<sup>36</sup>

Resgatado pelo paranismo no momento em que esse estava em plena crise, Euclides Bandeira representava mesmo o *curitibanismo*. Apaixonado pela sua cidade natal declarou seu amor até para uma figura nada agradável, porém, íntima da paisagem curitiba: o sapo. *Sapo* tornou-se, inclusive, a poesia mais conhecida dentre todas da produção de Euclides Bandeira.<sup>37</sup>

Nessa cidade da saporaria Euclides Bandeira desenvolveu o anticlericalismo literário que, juntamente com ele, recolheu-se em suas memórias e, quando outras memórias o resgatam como personalidade marcante do universo cultural curitibano, vem à tona também sua radicalidade anticlerical tão talentosamente expressas em suas poesias.

Cidadão arredo, (...) esse genuino homem de letras, cuja sensibilidade artística sempre andou a paralelo de combatividade sem palpas, tem conseguido o milagre de permanente destaque, e o seu lugar na história literária paranaense é dos mais invejáveis, dada a influencia que o seu dinamismo intelectual e seu tèmpera exerceram em nossa formação.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> TREVISAN, Dalton. Minha cidade. In: *Joaquim*. n.06.

<sup>37</sup> Sapo. BANDEIRA, Euclides. *Velhas páginas*. Curitiba, 1903, edição especial, p.20-23.(Ver anexo).

<sup>38</sup> PILOTO, Valfrido. *Páginas...*, p.57.

Ou, segundo Sebastião Paraná:

é um livre-pensador sincero e culto e um republicano a prova de fogo. Espírito combativo e luculento, sem receio de proclamar e pugnar por suas convicções Euclides Bandeira, em política republicano intransigente, em religião ateu confesso, levou a toda parte onde sua pena brilhante batalhou o cunho dos seus pontos de vista.<sup>39</sup>

Ou, ainda, segundo ele próprio:

Joalheiro exímio da frase Gautier, o divino Théo, no dizer do não menos divino Eça, não a enflorava apenas suntuosamente de maravilhas elínicas: - transfundia-lhe o raro timbre de originais e lúcidas observações: *é para nossa idade verdadeira satisfação, nada ter que reformar nas admirações de nossa mocidade.* (...) Com efeito: - uma vírgula sequer não temos a alterar - verificamo-lo mais uma vez nos princípios e ideais que, adotados, conscientemente na mocidade rebelde, trazemos pelo discurso de quase um trintenário, lapso que se não vale um século como entre os druidas, é pelo menos daqueles que Tacito apelidara *um belo trecho da vida humana.* <sup>40</sup>

O combate anticlerical na imprensa curitibana foi levado adiante, ao longo da década de 1910, através da produção dos textos de Dario Vellozo, Andrade Muricy e Tasso da Silveira. Era o anticlericalismo espiritualista, de matriz teosófica e ocultista. Fase esta, segundo a cronologia da história da literatura paranaense de Marilda B. Sawmays, que

---

<sup>39</sup> Apud BANDEIRA, Glaucio, p.14.

<sup>40</sup> BANDEIRA, Euclides. In: BANDEIRA, Glaucio, p.15.



abrangeu de 1913 a 1922.<sup>41</sup>

Nessa mesma década a Igreja Católica brasileira iria canalizar para si a solução dos problemas nacionais, promovendo uma identidade entre ordem, nação e catolicidade e contando, para tanto, com a auxílio de uma *intelligentzia* católica formada por nomes como Jakson Figueiredo.<sup>42</sup>

No entanto, ainda nesse mesmo período o clero nacional reclamava contra a situação da Igreja na república e reivindicava algumas posições que haviam existido no período monárquico, como a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas, do casamento religioso e a não secularização dos cemitérios.<sup>43</sup>

Os frutos da clericalização da sociedade republicana foram sendo colhidos, porém, somente a partir da década de trinta com o fortalecimento do poder oligárquico baseado no liberalismo.

A consolidação final da República Brasileira traz no seu bojo uma proposta pragmática que elimina de certa forma, algumas influências ideológicas. O liberalismo é utilizado por grupos que têm oportunidade de agir para fortalecer o poder, enquanto outras correntes de pensamento, como a do republicanismo radical e a do positivismo, são postas de lado. O regime parece estabelecer-se, finalmente, sob uma base oligárquica e paternalista.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> SAWMAYS, p.

<sup>42</sup> AZEVEDO, Thales de. *A religião civil brasileira: um instrumento político*. Petrópolis : Vozes, 1981.

<sup>43</sup> MARCHI, p.119.

<sup>44</sup> TRINDADE, p.245.

Em Curitiba, o anticlericalismo espiritualista retirava-se de cena juntamente com um dos seus principais agentes, Dario Vellozo, recolhido em seu Templo das Musas a partir dos anos 30.

Finalmente, o liberalismo parecia realmente vitorioso, dentre aquelas ideologias que disputaram a definição do regime republicano. Republicanismo radical e positivismo, pilares do anticlericalismo curitibano, parecem vencidos. Porém, todo historiador deve reler, de tempos em tempos, as famosas teses de Walter Benjamin sobre o conceito de história. O final da tese número seis diz:

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.<sup>45</sup>

E Euclides... o Bandeira. Ah! Esse?!

(...) lá da imortalidade na qual não acreditava, há de estar sorrindo. De gratidão, é claro. Mas também de desafio aos que o julgavam morto.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política* : ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo : Brasiliense, 1985. p.224-225.

<sup>46</sup> PILOTO, Valfrido. *Cogitações e retratos*. Curitiba, 1975. p.94.

## REFLEXÕES FINAIS

No início desse presente estudo propôs-se abordar o anticlericalismo na Curitiba da virada do século não, porém, a partir da constituição de um movimento destinado a ser derrotado pelo fortalecimento da Igreja Católica ao longo da Primeira República. Optou-se, sim, pela interpretação da sua construção no momento em que ainda não existiam, nem vencedores, nem vencidos, mas ricas tensões disputando seus diferentes projetos e visões de mundo.

A efetiva vitória da clericalização da sociedade republicana, no final da Primeira República, não ganhou, porém, as glórias da eternidade. Interpretar o movimento anticlerical de Curitiba como dotado do espírito iluminista foi tomá-lo, justamente, não para entender sua futura derrota, mas para recuperá-lo como um movimento cujos desejos ainda não foram totalmente realizados.

A partir de idéias universalistas, o movimento anticlerical de Curitiba construiu sua especificidade, integrando aquelas idéias aos seus desejos mais particulares: a construção de uma nação que uniria o par Progresso/Secularização na rejeição da imagem do seu passado que enlaçava tiara e cetro.

O conceito de dialogismo, apresentado nesse estudo como estratégia para abordar a tensão entre anticlericais e corpo

clerical, também permitiu observar um outro nível presente em uma pesquisa histórica. Então, além daquele nível onde deu-se o diálogo entre idéias opostas advindas de textos específicos que formaram o movimento anticlerical de Curitiba, aquele do diálogo entre o historiador e o passado, respeitando as vozes desse. Não só leitor, o historiador tem que ser bom ouvinte. Somente levando em conta esse outro nível do dialogismo, pôde-se apreender as particularidades do anticlericalismo curitibano, suas matrizes e suas transformações.

No acompanhamento da trajetória de Euclides Bandeira, desde seu ingresso na Escola Militar da Praia Vermelha até a fundação do Centro de Letras do Paraná, revelaram-se ainda mais as particularidades do movimento anticlerical de Curitiba. Este alimentou-se não somente da filosofia positivista, mas também do jacobinismo; não somente do livre-pensamento, mas da maçonaria e do anarquismo; não somente da literatura universal, como o naturalismo, mas do simbolismo; não somente do desejo de construir a nação, mas da região, da cidade.

Livre-pensador, simbolista, jacobinista, parnasiano, maçom, "curitibanista". Todas facetas do anticlerical Euclides Bandeira. Todas facetas da mesma *persona*, encarnada em um escritor combatente em prol da construção da nação e, quem sabe, se pelo menos de uma cidade. Aquela dos sapos, dos pinherais, do céu azul...

**ANEXO 2 -FONTES****1.1 JORNAIS**

QUINZE DE NOVEMBRO. Curitiba, 26-11-1889, n.02, p.03.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 16-01-1890, n.43, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 18-02-1890, n.75, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 26-03-1890, n.111, p.03.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 01-04-1890, n.117, p.02.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. Curitiba, 06-04-1892, n.373, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 21-04-1892, n.384, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 22-04-1892, n.385, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 23-04-1892, n.386, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 07-07-1892, n.444, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 11-07-1892, n.447, p.02.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 12-07-1892, n.448, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 09-11-1892, n.544, p.01.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 19-11-1892, n.553, p.01.

A FEDERAÇÃO. Curitiba, 20-04-1892, n.20, p.02.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 27-04-1892, n.22, p.02-03.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 26-11-1892, n.80, p.01-02.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 24-12-1892, n.87, p.03.

- ESTRELLA. Curitiba, 1898. (Abril a dezembro).  
 \_\_\_\_\_. Curitiba, 1899. (Janeiro a março).  
 \_\_\_\_\_. Curitiba, 1900. (Abril a dezembro).  
 \_\_\_\_\_. Curitiba, 1901. (Janeiro a dezembro).  
 \_\_\_\_\_. Curitiba, 1902. (Janeiro a março).  
 \_\_\_\_\_. Curitiba, 1904. (Abril a dezembro).  
 \_\_\_\_\_. Curitiba, 1905. (Janeiro a dezembro).  
 \_\_\_\_\_. Curitiba, 1906. (Janeiro a março).

## 1.2 LIVROS

- AMARAL, Ubaldino do. Clericalismo. Rio de Janeiro : Typ. Hildebrandt, 1910.
- CARTA PASTORAL. D. João Francisco de Braga. Curitiba, 1908.
- DESCHAND, Desidério. Voltaire e os anticlericais do Paraná. Curitiba : Typ. Der Kompas, 1906.
- FARIA, Roberto. Abutres. Curitiba : Tip. Der Beobachter, 1907.
- MARTINS, Ismael. Tartufos. Curitiba : Livraria Econômica, 1900.
- OLIVEIRA, Ernesto Luiz. O Syllabus e o Estado. São Paulo : Livraria Evangélica, 1902.
- PERNETTA, Júlio. Os chacaes. Curitiba : Typ. Econômica, 1898.
- VELLOZO, Dario. Derrocada ultramontana. Curitiba : Imprensa Paranaense, 1905.
- \_\_\_\_\_. Voltaire. Curitiba : Imprensa Paranaense, 1906.
- \_\_\_\_\_. Da serpente negra: moral dos jesuítas. Curitiba, 1908.

### 1.3 OBRAS COMPLETAS DE EUCLIDES BANDEIRA

- BANDEIRA, Euclides. Heréticos. 1901
- \_\_\_\_\_. A mulher e o romanismo. 1901
- \_\_\_\_\_. Dithyrambos. 1901.
- \_\_\_\_\_. Velhas páginas. 1903.
- \_\_\_\_\_. Versos piegas. 1903.
- \_\_\_\_\_. Ouropéis. 1906.
- \_\_\_\_\_. Colcha de retalhos. 1906.
- \_\_\_\_\_. Troças e traços. 1909.
- \_\_\_\_\_. O monstro. 1937.
- \_\_\_\_\_. O sorteado. (?)
- \_\_\_\_\_. Respingos históricos. 1939.
- \_\_\_\_\_. Prediletos. 1940.
- \_\_\_\_\_. Crônicas locais. 1941.

#### 1.3.1 PSEUDÔNIMOS DE EUCLIDES BANDEIRA.

W. Schowiski; Delmiro Caiuby; D. Juan Lascivos; Marques de Val Vinos; Helio; Gyppo; Gil Pachola; Ruy Pacheco; Gláudio; Fra Diavolo; Flavius; Max; Estellio; Diavolino; Hermann; Schop Nhauer; Gil. \*

---

\* SAMWAYS, Marilda Binder. *Introdução*....

JUNIOR, Rodrigo e PLAISANT, Alcibiades. *Antologia*  
tomo primeiro, Livraria Mundial, 1938.

*paranaense*. Curitiba,

#### 1.4 REVISTAS

BREVIARIO. Curitiba, 1900.  
AZUL. Curitiba, 1900.  
O CENÁCULO. Curitiba, 1896.  
A PENNA. Curitiba, 1897.  
O PELICANO. Curitiba, 1897.  
O PHAROL. Curitiba, 1898.  
CLUB CORITIBANO. Curitiba, 1898-1900.  
JERUSALÉM. Curitiba, 1898-1901.  
O SAPO. Curitiba, 1898-1902.  
ELECTRA. Curitiba, 1901-1903.  
STELLARIO. Curitiba, 1905.  
A VANGUARDA. Curitiba, 1905-1906.  
ESPHYNGE. Curitiba, 1906.  
O COMBATE. Curitiba, 1907.  
OLHO DA RUA. Curitiba 1907-1911.  
PALLADIUM. Curitiba, 1909.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Thales de. **A religião civil brasileira: um instrumento político.** Petrópolis : Vozes, 1981.
- BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Idéias em confronto.** Curitiba : Grafipar, 1981.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** v.01. São Paulo : Brasiliense, 1985. p. 222-232.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo : Companhia das Letras, 1992. p.176-307.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As escolas históricas.** Portugal : Publicações Europa - América, 1983. p-51-54. (Forum da História).
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo : Perspectiva, 1974.
- CARDOSO, Alcina de Lara e ARAÚJO, Sílvia Pereira . **10 de maio: cem anos de solidariedade e luta 1886-1986.** Curitiba, Beija Flor, 1986.
- CARONE, Edgar. **Movimento operário no Brasil: 1877 - 1944.** São Paulo : Difel, 1984. p. 343-400. (Corpo e Alma do Brasil).
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo : Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo : Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, Marta M. Chagas de. **A escola e a república.** São Paulo : Brasiliense, 1989. ( Tudo é História, n.127).
- CORBAIN, Alain. **Bastidores.** In: PERROT, Michele. (Org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.** São Paulo : Companhia das Letras, 1991. p.413-561.
- DECCA, Edgar de. **O silêncio dos vencidos.** 4ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- DELUMEAU, Jean. **A confissão e o perdão: a confissão católica séculos XIII a XVIII.** São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.
- HARDMAN, Francisco Foot. Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- HOBBSAWM, Eric J. A era dos impérios: 1875 - 1914. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo : Martins Fontes, 1992. p.131-173. (O Homem e a História).
- LEONARDI, Victor e FOOT HARDMAN. História da indústria e do trabalho no Brasil: da origem aos anos 20. 2ª ed. São Paulo : Ática, 1982. p. 261-279. Série Fundamentos, n.69.
- LINS, Ivan. História do positivismo no Brasil. 4.ed. Brasileira, 1967. p.214-215.
- MACHADO, Cacilda da Silva. Joaquim: abril - 1946; dezembro - 1948. Curitiba, 1988. Monografia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- MARCHESINI, Marcia Maria. Os inimigos do rei clero: a imprensa anticlerical anarquista paranaense 1890-1920. Curitiba, 1992. Monografia - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná.
- MARCHI, Euclides. A Igreja e a questão social: o discurso e a praxis do Catolicismo no Brasil 1850-1915. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade de São Paulo.
- MASSAUD, Moises. A literatura brasileira: o simbolismo - 1893-1902. São Paulo, v.IV, Cultrix, 1967.
- MICELI, Sergio. A elite eclesiástica brasileira. Bertrand Brasil : 1988. (Corpo e Alma do Brasil)

- MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro.** Rio de Janeiro, v. 01, Instituto Nacional do Livro, 1952.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A revolução federalista.** São Paulo : Brasiliense, 1983. ( Tudo é História, n.80).
- \_\_\_\_\_. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História,** São Paulo, ANPUH, Contexto, v. 15, n.29, 1995.
- QUEIROZ, Suely Robles de. **Os radicais da República: jacobinismo: ideologia e ação 1893-1897.** São Paulo : Brasiliense, 1986.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar; Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985. p. 61-116.
- RIBEIRO, Renato Janine. **A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida.** São Paulo : Brasiliense, 1983. ( Tudo é História, n. 69).
- ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade: ensaios.** São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à literatura paranaense.** Curitiba : Livros HDV, 1988.
- SEBE, José. **Os jesuítas.** São Paulo : Brasiliense, 1982. ( Tudo é História, n.57)
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos insanos.** São Paulo : Brasiliense, 1984. (Tudo é História, n.89).
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria popular e religiosidade popular no Brasil colonial.** São Paulo : Companhia das Letras, 1989. p.277-333.
- STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa.** São Paulo : Ática, 1992.
- SZVARÇA, Décio. **O forjador, ruínas de um mito: Romário Martins - 1893-1944.** Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História)- Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Universidade

Federal do Paraná.

TOBIAS, José Antonio. *História das idéias no Brasil*. São Paulo : EPU, 1987. p.115-132.

TRINDADE, Etelvina Mãe de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. São Paulo, 1992. Tese (doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.